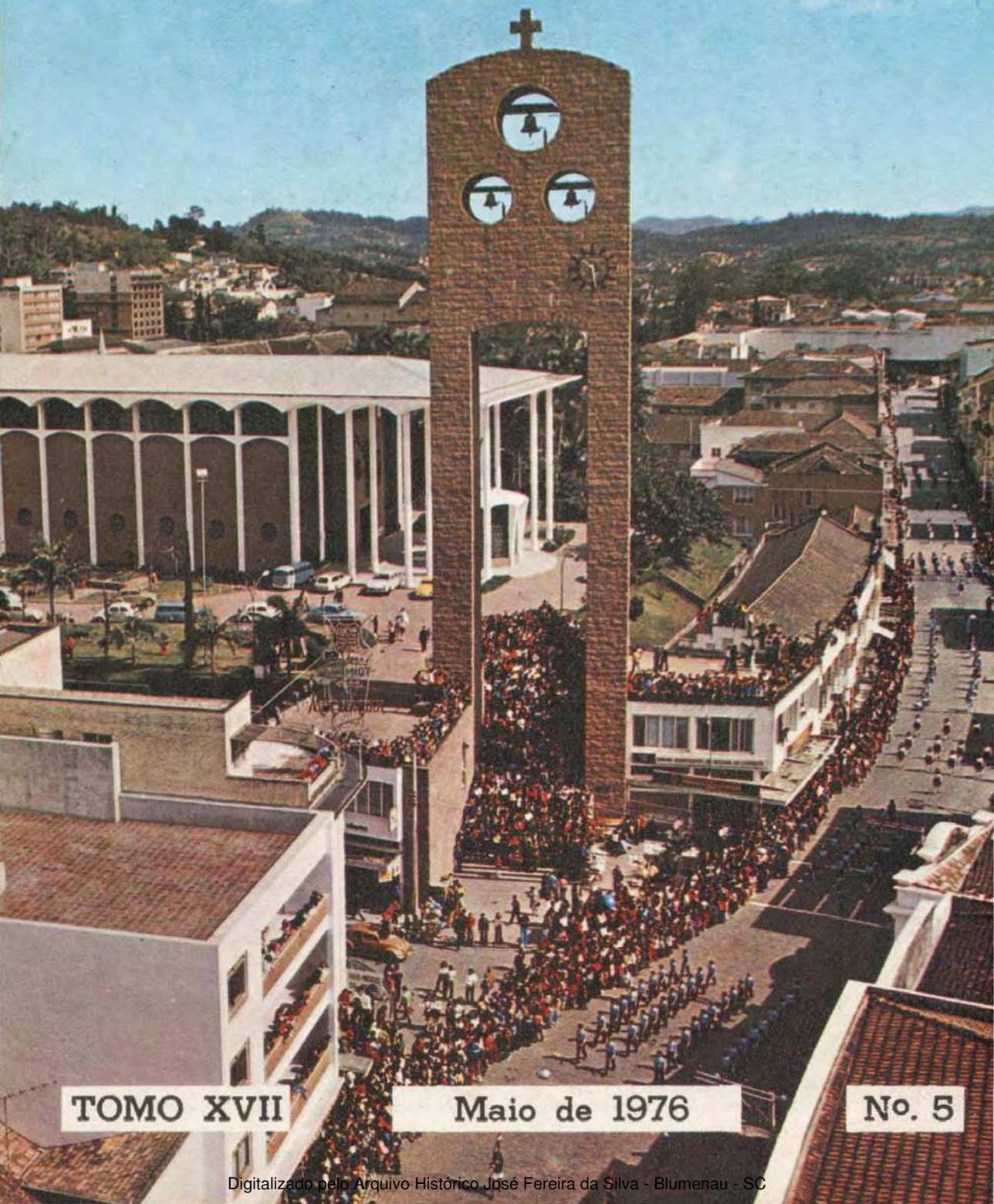


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Maio de 1976

No. 5

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVII

MAIO DE 1976

Nº. 5

PEQUENA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU — 1850-1883

Dr. Paulo Malta Ferraz

(Continuação do número anterior)

Como se vê, deixavam essas instruções largo arbítrio ao diretor para melhor dirigir a tarefa colonizadora. Desse arbítrio, aliás, sempre se utilizou com proficiência o dr. Blumenau, guiado pela própria experiência de longos anos de colonização particular. Assim, com relação aos empréstimos a colonos é de crer que o dr. Hermann Blumenau não se cingia ao preceituado nas aludidas instruções. Ilustrativos desse seu modo de agir, de seu profundo conhecimento dos homens e da tarefa de colonizador, são os conceitos constantes de uma de suas exposições ao Governo Imperial que, por certo, lhe serviram de roteiro durante todo o período em que dirigiu a Colônia Blumenau. Reproduzimo-los aqui, conservando a sua própria linguagem, por vezes rude e incorreta, mas sempre clara, franca e convincente:

“Quanto aos juros dos adiantamentos feitos não conservo regra fixa, dirigindo-me a tal respeito pelas circunstâncias das pessoas com quem tenho a fazer. Procurei e procuro uma bem entendida e prudente philantropia pratica com os deveres que me impõem as minhas obrigações ao Governo Imperial, como seu devedor, que tem de prestar contas e cuidar em restituir o que lhe foi adiantado, e não pode com leviana e demasiada liberdade prodigalisar o que não é seu, e com aquella circumspecção que uma longa pratica e amargas experiencias me ensina-

ram. Estas evidenciaram infelizmente não só nesta Colônia como em toda a parte, que uma exagerada liberdade e indulgencia produzem em muitos homens precisamente o efeito contrario do que se pretende e tem em vista, tornando-os indolentes, descuidosos e dissipadores em vez de ativar a sua laboriosidade, economia ou frugalidade. É uma experiencia triste mas verdade, que muitos homens não podem aguentar o bem estar e que só o ultimo grão de miserea e ás vezes nem este os comove a uma atividade constante e regular, e esta experiencia se repete em todos os paizes. Liberalisar a taes homens favores, ter indulgencia com elles, que regularmente são tambem os mais pretenciosos, não é outra coisa senão fortificar-os nos seus defeitos e vicios e animar aos demais para seguirem o seu exemplo. Sobre os demais adiantamentos que os colonos pediram para comprar gado, arranjarem engenhos e alargarem as suas lavouras, conto os juros de 10, 12 e 15 % conforme as circumstancias dos mesmos devedores e da utilidade das suas empresas para a prosperidade da colônia em geral. Taes são as regras geraes; e visto o grande lucro que tiram todos os colonos que *querem e podem trabalhar*, do emprego das suas forças, considerando a sua prosperidade inegavel e provada, a altura dos salarios dos jornaleiros e o subido preço de todo e qualquer trabalho manual, seguramente não se pode sustentar que estorvam (as regras gerais) os sucessos e a prosperidade dos colonos, tomando sobretudo em conta as numerosas remissões, que ofereci e offereço. As viúvas indigentes remeto e tenho remetido não só os juros como parte do capital das dividas dos seus maridos ou familias e pelo pagamento do resto nunca insisti ou as apertava. Só contra os beberões, mandriões e vadios—proseguiu incisivamente o dr. Blumenau—que *podendo* bem, não *querem* trabalhar ou jogam e gastam o seu ganho nas tavernas, maltratando ainda encima e deixando perecer na immundice e miseria mulher e filhos, contra os cizaneiros e alteradores que incomodam e prejudicam os pacificos vizinhos e provocam intrigas e disputas, já não observo tal indulgencia, depois de ter feito amargas experiencias, atualmente os pago com a sua propria moeda e como não tenho outro meio para corrigir o seu mau proceder, não lhes faço remissões, deixando os pagar por integro o que devem" (sic 60).

Quando o Governo passou a administrá-la, a Colônia possuía apenas 947 habitantes. Mas, já no ano de 1861, a população colonial era de 1.484 pessoas (61).

1862

O ano de 1862, apesar do aumento que trouxe à população colonial pela chegada de 574 colonos (62), não foi dos mais propícios ao seu desenvolvimento. O frio intenso do começo do inverno, provocando fortes geadas, causaram conside-

ráveis estragos à lavoura. Nos meses de Setembro, Outubro e Novembro, chuvas torrenciais ocasionaram repetidas enchentes que destruíram as plantações das zonas baixas da Colônia. Em consequência da carência de forragem destruída pelas chuvas e geadas, decresceu a criação de gado suíno. E para completar essa obra de destruição do trabalho dos colonos, surgiu na Colônia uma praga de vorazes lagartas. Razões sobejas tinha, portanto, o dr. Blumenau para iniciar o seu relatório referente ao ano de 1862, com essas expressivas palavras:

“Na reminiscência da atual geração dos habitantes dos rios Itajai-açu e mirim, não existe ano algum que em geral tivesse ocorrido de modo tão irregular, anormal e acumulado de tantas calamidades sobre a população, como o que está findando” (63).

Mas, o ano de 1862 não trouxe aos colonos blumenauenses somente prejuízos, aborrecimentos e dificuldades. Ocorreram também fatos de real importância. Assim, em Junho desse ano, a escola pública do sexo masculino, que contava então com frequência regular de 38 alunos, foi instalada em novo e sólido edifício. Essa escola era regida por Victor von Gilsa que, em 1857, sucedera ao professor Fernando Ostermann, falecido naquele ano. Ainda em 1862, o pastor Oswald Hesse fundou uma escola particular para os que já haviam concluído o curso primário, na qual se ministravam lições de português, latim, francês, alemão, matemática elementar, geografia e história.

Concluiu-se, nesse ano, a construção de mais uma hospedaria para emigrantes, situada em Itoupava.

Quanto à moralidade pública, registraram-se apenas dois ou três processos por injúrias verbais e um incidente provocado por três soldados do destacamento policial aqui sediado, que foi enérgica e prontamente reprimido pelo Governo Provincial.

Antes de findar o ano, no dia 27 de novembro, 4 índios saquearam a propriedade do colono Holler, no Garcia. Durante o assalto, a esposa de Holler, foi levemente ferida por uma flechada. O Governo Provincial concedeu, então, uma indenização ao colono Holler e, a pedido do diretor, aumentou o efetivo do destacamento policial na Colônia (64).

1863

Em 1863, diminuiu a imigração para a Colônia, porquanto a população apenas acusou o aumento de 228 pessoas, inclusive os nascidos nesse ano. Além das existentes, mais duas escolas começaram a funcionar: uma no Garcia, sob a regência de Hermann Westendorf e outra em Itoupava, dirigida pelo dr. W. Eberhardt (65).

O acontecimento de maior relevo desse ano foi a fundação, por iniciativa do dr. Blumenau, do "Kulturverein" (Sociedade de Cultura), no dia 19 de Julho. Esta Sociedade, que contou inicialmente com 55 sócios, exerceu preponderante influência na vida colonial porque teve por precípua finalidade o constante aperfeiçoamento dos métodos de exploração agrícola aqui empregados. A referida Sociedade, segundo informa José Ferreira da Silva, "realizava reuniões semanais, durante as quais um dos sócios dissertava sobre assunto previamente estabelecido" (66).

Merece destaque, ainda em 1863, a fundação de duas Sociedades de Cantores: a Sociedade de Cantores "Germania" (Gesangverein Germania"), em 4 de Agosto, e a Sociedade de Amigos (Freundschaftsverein), em 1º de Outubro (67).

1864

No decorrer do ano de 1864, ao contrário do que se poderia esperar, declinou a imigração para a Colônia, tanto que chegaram apenas 127 colonos. As causas mais próximas desse declínio da imigração para a Colônia foram, por certo, a guerra entre a Prússia e a Dinamarca, que explodira nesse ano, e o conseqüente bloqueio dos portos alemães. Preocupado com o decréscimo da imigração para a Colônia, ao termo de várias negociações, foi o dr. Hermann Blumenau encarregado pelo Governo do Império de viajar para a Alemanha, a fim de ali incentivar a emigração teuta para a nossa pátria. Esta a razão por que, ainda no decorrer de 1864, o dr. Blumenau passou as suas funções de diretor ao guarda-livros Hermann Wendeburg. Somente porém em princípios do ano seguinte (18-3-1865), foi que o dr. Blumenau seguiu para a Alemanha a fim de cumprir a sua missão.

Como as estações foram mais regulares nesse ano, a lavoura se desenvolveu satisfatoriamente, embora uma noite apenas de geada causasse estragos nas plantações de cana de açúcar e café, continuou a ser experimentado o plantio de trigo, mas pelos resultados até então obtidos, não se podia fazer um julgamento seguro sobre as vantagens dessa cultura. Em obediência às recomendações do Ministério da Agricultura, que fornecia grande quantidade de sementes, tentaram-se novos ensaios de plantação de algodão, cujos resultados não se apresentaram promissores. Outras culturas, porém, floresciam, sendo a de tabaco uma das mais auspiciosas. As amostras de folhas e charutos enviadas ao Rio de Janeiro, causaram boa impressão.

Três novas escolas particulares, então, começaram a funcionar: a de Henrique Heuer, em Itoupava Sul; a de Henrique Rischbieter, em Itoupava Norte, e a de Bruno Scharn, em Badenfurt (68).

Entre as obras públicas de relevo nesse exercício, cumpre assinalar o início da construção da escola primária para o sexo feminino, situada na sede da Colônia, e a ultimação do prédio da cadeia.

Uma ocorrência trágica e misteriosa perturbou o pacato ramerrão da vida colonial o primeiro homicídio aqui verificado. No mês de maio, no terceiro dia de Pentecostes, foi bárbara e traiçoeiramente assassinado o dr. Miguel Klempa, que chegara à Colônia havia poucos meses com mais cinco outros emigrantes húngaros, antigos oficiais das tropas revolucionárias da Hungria e Itália. O assassinio de Miguel Klempa permanece ainda hoje, envolto no mais denso e impenetrável mistério. Presumiu-se que Klempa houvesse sido morto enquanto dormia. O seu corpo, horrivelmente espedaçado, foi encontrado no rio, atribuiu-se a autoria do crime do antigo companheiro d'armas da vítima, o húngaro Estevão Goetze de Szendro (69). Nada, porém, se apurou de positivo sobre a causa de crime tão cruel, nem quem foi o seu autor (70). E até hoje só Deus sabe quem matou o infeliz húngaro, dr. Miguel Klempa.

Estando à frente da direção da Colônia, desde fins de 1864, Hermann Wendeburg não poupou esforços para que a vida administrativa não sofresse a menor solução de continuidade. Seguindo fielmente a orientação do dr. Blumenau, Hermann Wendeburg que, dessa vez, dirigiu a Colônia até 23 de Novembro de 1869—data em que o dr. Blumenau regressou da Europa—realizou criteriosa, útil e eficiente administração.

As obras públicas não sofreram qualquer interrupção. Assim, foram concluídas as construções da escola para o sexo feminino na sede da Colônia e a da escola de Itoupava. A estrada principal da Colônia, a que a ligava ao porto de Itajaí, também foi concluída nesse ano. No relatório desse exercício, Hermann Wendeburg sempre bem zeloso, recomenda ao Governo uma fiscalização rigorosa, para que os moradores da margem da estrada não negligenciem o serviço de limpeza dos respectivos trechos, isto é, o corte das hervas e capoeiras laterais (71).

Logo no início do ano, aos 25 de Janeiro, foi inaugurada no morro onde hoje existe a igreja matriz de Blumenau, uma capela católica. Era uma capela pequena e bem modesta, mas a sua inauguração causou grande alegria aos poucos católicos moradores da Colônia. Foi o padre Gattone, vigário da paróquia de São Pedro de Gaspar, quem rezou a primeira missa na humilde capelinha, cujo padroeiro era São Paulo Apóstolo. Terminado o Santo Sacrifício da Missa, realizou-se a primeira procissão solene na sede colonial (72).

A imigração, nesse exercício, foi diminuta. A lavoura entretanto, progrediu satisfatoriamente. De Portugal, onde se encontrava de passagem para a Alemanha, o dr. Blumenau remeteu a Wendeburg muitas sementes de diferentes espécies e mudas de árvores frutíferas, que foram distribuídas aos colonos. No decorrer desse ano, baixou o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas instruções de benéficos efeitos para o desenvolvimento da Colônia, determinando que cessasse daí em diante o pagamento de subsídios pecuniários aos colonos recém chegados, os quais perceberiam salários por serviços que prestassem às obras públicas.

Mas, sem dúvida possível, o fato de maior importância ocorrido no ano de 1865, foi a partida para Desterro, de setenta e dois colonos alemães de Blumenau, que dali segui-

ram com o 9º Batalhão de Voluntários da Pátria, para os campos de batalha do Paraguai, onde se bateram com denodo, deramaram seu sangue e alguns sacrificaram a própria vida em defesa da honra e da dignidade do Brasil (73). Não pode nem deve passar sem especial realce esse gesto dos colonos alemães de Blumenau, porque revelador de sua perfeita identificação aos mais puros e elevados sentimentos do povo brasileiro. Nesta oportunidade, justo é que se relembrem os nomes daqueles 72 denodados blumenauenses que combateram na guerra do Paraguai: capitão Victor von Gilsa, Comandante do contingente de Blumenau, Tenente Emil Odebrecht, Alferes Guido von Seckendorff, cirurgião-Alferes Wilhelm Friedenreich, Alferes Sametzki, Soldados Francisco Ewald, Luiz Hoffmann, Günther Fransce, Eugen Kurz, Hermann Eckelberg, Henrique Riegel, Conrad Riegel, Gernando Schumacher, Christiano Müller, Michael Riegel, Wendelin Kraemer, Ernesto Richter, Carlos Siebert, Otto Lobedan, Henrique Lucas, Rodolpho Wagner, Jacob Jasper, Carlos Baucke, Christiano Lucas, Oscar Kluge, Chr. Fred. Krüger, Augusto Persch, Guilherme Hafenstein, Fred. Guilh. Gross, Julio Hartmann, Gottlieb Gneewuch, Wilhelm Peters, Nicolau Haendche, Frederico Augusto Thomas, Carl Sänberlich, Carl Hinze, Gustav Bosse, Frederico Giehe, Luiz Helmbrech, Francisco Boehmer, Albert Marx, Carl Jansen, Heinrich Engel, Guilherme Fischer, Jacob Riedinger, Fr. Bähr, Paulo Stahl, Christiano Witthoft, Johan Weisensee, Valentim Blasius, Hermann Kühendahl, Wilhelm Vogel, Fritz Riemer, Hermann Grahl, Eduard Köchy, Hermann Willerding, Johan Fischer, Hermann Geyer, Carl Luchtenberg, Ernst Scheeffe, Carl Kressien, Woldemar von Zenschau, Fernando Ebert, Hugo Praun, João Oltmann, Isidor Hirt, Ricardo Ebert, Carlos Geier, Gottlieb Zeschke, Simon Kreiss, Heinrich Hansen, e Wilhelm Fischer (74).

1866

A imigração para Blumenau, em 1866, embora pouco maior que no ano anterior, não foi numerosa. A esse propósito, o diretor interino da Colônia tece alguns comentários sobre as causas que dificultam a imigração de alemães do norte para o Brasil. Entre esses óbices, salienta a inexistência de registro civil, porque colocava os imigrantes protestantes na obrigação de fazerem os registros de atos religiosos como casamentos, nascimentos e óbitos perante a igreja católica oficial

(75). Mas, ao fenômeno da reduzida imigração alemã para o Brasil, nesse ano, forçoso é reconhecer deve ter concorrido poderosamente a guerra então declarada entre a Alemanha e a Áustria.

As obras públicas prosseguiram em seu ritmo normal, sendo de notar que, com a devida autorização do Governo Imperial, o diretor interino gastou nesse ano, a elevada quantia de 25:585\$100 somente em melhoramento das vias de comunicação. O estado geral da Colônia, portanto, como reconheceu o próprio Wendeburg em seu relatório, era bem satisfatório (76).

Em 12 de Março desse ano, alguns colonos sob a orientação de Wilhelm Friedenreich e Luiz Scheefer, fundaram uma espécie de sucursal da "Sociedade Internacional de Imigração", existente no Rio de Janeiro, que se denominou "Sociedade Internacional de Imigração na Colônia Blumenau". A finalidade principal dessa Sociedade era incentivar por todos os meios possíveis, inclusive propaganda pela imprensa, a imigração européia para o Brasil, bem como pleitear junto ao poder público a satisfação dos legítimos anseios dos colonos (77). Recebeu a Colônia, no mês de Julho desse ano, a visita do Secretário da Legação da Prússia no Brasil, sr. Theodor von Bunsen, que aqui se demorou até outubro (78).

1 8 6 7

Em 1867, em obediência aos preceitos do decreto nº 3.784, de 19 de Janeiro desse ano, começou a funcionar o Conselho da Colônia. Outro fato merecedor de registro na vida pública da Colônia, foi a visita do Major José Henrique Flores, juiz municipal e de órfãos interino, que "mandou fazer alguns inventários, nomeou tutores, e graças aos benévolos sentimentos do mesmo senhor por custas muito limitadas" (79).

Visitou também a Colônia, em Março de 1876, demonstrando-se aqui alguns dias, o ex-Presidente da Província, dr. Inácio da Cunha Galvão (80).

No decorrer desse exercício, a Colônia acolheu mais 500 habitantes.

A vida da Colônia decorreu tão ordeira e calma que, em seu relatório, o diretor interino informou não ter havido aplicação de nenhuma penalidade nem mesmo as costumeiras repressões correcionais normalmente aplicadas pela polícia.

Grande satisfação pública reinou na Colônia, quando se recebeu a notícia de que os esforços do dr. Blumenau promovendo uma exposição dos produtos coloniais na Exposição Universal de Paris, haviam sido coroados com a concessão feita à Colônia, de um diploma de honra, com medalha de ouro e do prêmio de 10.000 francos em dinheiro (81).

1868

Graças à atuação eficiente do dr. Blumenau na Alemanha, a imigração alemã para o Brasil aumentou consideravelmente em 1868. Nesse ano, o dr. Blumenau embarcou para o Brasil 2.311 trabalhadores germânicos, dos quais 1.686 se fixaram em Blumenau (82)

Um editorial do jornal alemão "Vossische Zeitung", de 12 de abril desse ano, a respeito da emigração alemã para o Brasil, provocou um enérgico protesto dos colonos blumenauenses, que foi publicado no número de 16 de Maio do "Colonie Zeitung", de Joinville. Merece referência esse protesto, porque demonstra o reconhecimento dos colonos alemães de Blumenau pelas condições de vida que aqui desfrutavam. O mencionado editorial do "Vossische Zeitung", comentando a partida de três navios que conduziam imigrantes germânicos para o Brasil, finalizava assim "até quando a Prússia permitirá a exportação desses escravos alemães para o Brasil, vez que o Parlamento prussiano pode estender a proibição de emigração para o Brasil aos estados filiados à Liga dos Estados do Sul da Alemanha?" O epíteto grosseiro de "escravos alemães", ferira em cheio a sensibilidade dos colonos blumenauenses. Iniciaram, por esse motivo, o aludido protesto, presumindo que a expressão "escravos alemães" se referia antes ao padrão de vida que aqueles imigrantes alemães tinham na própria Alemanha. Julgando oportuno o momento para desmentirem essa e anteriores calúnias que os jornais alemães assacavam contra as condições de vida dos imigrantes teutos em nossa pátria, os blumenauenses diziam no referido protesto;

"Moramos em propriedade nossa e a terra que lavramos nos pertence. Aqui, qualquer ocupação assegura o sustento e preserva, a quem quer trabalhar, da miséria. Os nossos filhos crescem num clima saudável. Podemos, com facilidade, adotar a nacionalidade brasileira e, nesta condição, participamos das eleições para juizes de paz, câmara municipal e assembléia legislativa da província. Prova de que o nosso voto tem alguma

influência é a circunstância de, atualmente, ser um alemão o Presidente da Câmara Municipal de Itajaí. Em resumo, vivemos aqui como homens livres, sentimo-nos felizes, satisfeitos e agradecemos ao destino que dirigiu os nossos passos para cá". (83).

Nos dias 20 e 23 de Setembro de 1868, procedeu-se a colocação das pedras fundamentais dos templos católico e protestante, respectivamente. Ainda nesse ano, instalou-se, aqui, uma comissão de engenheiros, nomeada pelo Governo Imperial para o serviço de demarcação de terras devolutas e abertura da estrada para a serra (84).

1869

Em 23 de Novembro de 1869, o dr. Blumenau, que desde 1865 estivera na Europa, onde contraíra núpcias com Bertha Repsold, reassumiu as funções de diretor da Colônia. A população colonial era, então, de 5.985 pessoas. A lavoura progredira em proporção ao aumento da população. O dr. Blumenau, que da Europa enviara inúmeras mudas de videira, demonstra em seu relatório datado de Janeiro de 1870, a sua esperança de que a Colônia viesse no futuro, desenvolver a cultura de uva e a fabricação de vinho. Informa, ainda, o diretor da Colônia, que o "Kulturverein" (Sociedade de Cultura) continuava a desenvolver benéfica atividade em favor do progresso da lavoura, mantendo uma biblioteca de livros interessantes e instrutivos. Nesse exercício, diminuiu a produção de charutos, se bem que o fumo plantado na Colônia fosse da melhor qualidade. Em compensação, com a instalação de novos engenhos de serrar, aumentou consideravelmente o fabrico de tabuados e a exportação de madeiras para construção (85).

1870

No relatório referente ao ano de 1870, o dr. Blumenau pede ao Governo Imperial sua intercessão no sentido de obter o pagamento do prêmio de dez mil francos que fora atribuído à Colônia pelo Júri da Exposição Universal de Paris, em 1867. É que, como estava já autorizado pelo Governo, queria empregar essa importância em edifícios para escolas no interior da Colônia. Sempre preocupado com o desenvolvimento da lavoura colonial, o dr. Blumenau iniciou, nessa época, a distribuição de mudas de oliveira. Continuaram as obras de construção da matriz católica e da casa de oração protestante.

Durante todo o ano, esclarece o dr. Blumenau, reinou uma certa “agitação e até espírito de amotinação” entre os colonos chegados no ano anterior, causado, em parte, pelo fato de não haver o Governo Imperial fornecido logo as verbas suficientes para adiantamentos e auxílios aos referidos imigrantes. O mal estar então reinante chegou ao ponto de o dr. Blumenau ter de processar a “um insolente rapaz”, que além de injuriar o diretor da Colônia, vivia a instigar os colonos à revolta, por meio de descaradas mentiras. A justiça, em três instâncias, reconheceu a falta de razão do tal caluniador, condenando-o à pena de três meses de detenção. O dr. Blumenau, porém, depois de deixar o tal rapaz cumprir a metade da pena, perdoou-lhe o restante da condenação (86).

Nesse ano, um grupo de associados da “Schützengesellschaft Blumenau” (Sociedade de Atiradores de Blumenau), fundou uma sociedade teatral de amadores que, por muitos anos, encenou várias peças em um pequeno palco construído, ainda em 1870, ao lado da primitiva sede da Sociedade de Atiradores (87).

Em 7 de Agosto, recebeu a Colônia a visita do então Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. Manuel do Nascimento Fonseca Galvão, que se fazia acompanhar de numerosa comitiva (88).

1871

Em consequência da guerra Franco-Prussiana, que eclodira no ano anterior, apenas 23 colonos chegaram à Colônia em 1871. No sentido de aumentar o contingente da imigração alemã para Blumenau. O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 29 de Junho, deu instruções especiais ao Cônsul Geral do Brasil em Hamburgo para conceder especiais favores aos emigrantes que se destinassem, nesse ano, à Colônia Blumenau. Nenhum outro acontecimento de realce, ocorreu no ano de 1871.

1872

O ano de 1872 também decorreu sem acontecimentos de vulto. Os índios, por duas vezes, atacaram colonos moradores das zonas mais afastadas da sede colonial. O primeiro assalto desse ano verificou-se no dia 23 de Julho, no lugar Alto Garcia, sendo morto pelos selvagens o colono Schatz. Em

21 de Novembro, assaltaram a propriedade do colono Ittner, situado no lugar Benedito, hoje distrito do município de Timbó. Nesse ataque, os índios mataram um filho de Ittner e lhe rap-
taram uma filha (89).

O internúncio católico no Rio concedeu jurisdição ao padre João Maria Cybeo S. J. sobre a paróquia de São Paulo de Blumenau. O citado padre visitou, então, todo o território habitado da Colônia (90).

A Colônia desenvolveu com proveito os seus trabalhos no transcurso desse exercício, tanto que a exportação de produtos coloniais atingiu, então, a elevada cifra de
173:446\$000 (91).

1873

Em consequência do desenvolvimento normal e da chegada de novos colonos, a população da Colônia, em 1873, era de 7.156 habitantes (92), dos quais apenas 272 praticavam ofícios diversos. A grande maioria, portanto, se dedicava à lavoura, quer como proprietários, quer como simples jornaleiros. Entretanto, mesmo os que viviam de seu ofício, quase sem exceção alguma, plantavam pequenas roças e criavam aves e algum gado, pelo menos para o consumo de casa. A área cultivada era de 5.550 hectares (93). O então presidente da Província de S. Catarina, João Tomé da Silva, visitou a Colônia em Novembro desse ano. Pela lei provincial nº 694, de 31 de Julho, foi criada a Freguesia de Blumenau, não tendo sido nomeado, no entanto, o Cura ordinário.

1874

Não decorreu plácida como nos anos anteriores a vida administrativa da Colônia em 1874. Várias ocorrências, algumas de certa gravidade, assinalaram esse exercício.

A Junta Colonial, que vinha funcionando regularmente, considerou-se menosprezada pela determinação da Presidência da Província, que mandara recolher aos cofres da Tesouraria da Fazenda, no fim de cada trimestre, as quantias cobradas por conta de vendas de terras, reembolso de dívidas e outras receitas, quantias que, até então, mediante prévias autorizações da Presidência, eram empregadas no custeio de obras e serviços internos da Colônia. Por esse motivo, os membros da Junta Colonial, unanimemente, resolveram pedir exoneração das

suas funções. O dr. Blumenau, afim de evitar explorações sobre o assunto, conseguiu diassudí-los desse intento, mas em seu relatório, opina sobre a conveniência de ser revogada a mencionada determinação da Presidência, vez que — diz ele — “pela referida determinação, *virtualmente* foi suprimida a Junta e a sua atividade” (94). Prosseguindo em defesa da Junta, argumenta o dr. Blumenau, com a utilidade dessa instituição como órgão de fiscalização da vida colonial e freio aos possíveis desmandos e arbitrariedades dos diretores coloniais (95).

Não parecem ter sido cordiais, também, as relações entre o diretor da Colônia e o engenheiro M. D. Pinto Braga, Chefe da Comissão de Demarcação de Terras existentes na Colônia. Em seu relatório sobre o ano de 1874, o dr. Blumenau após dizer que, em Novembro, fora obrigado a suspender os serviços de demarcação de terras, com sérios prejuízos para a vida administrativa da Colônia, em virtude das ordens da Presidência da Província e participações do referido engenheiro Pinto Braga critica acerbamente a organização desse serviço, taxando-o de desorganizado, irregular e instável (96). Mas, além da divergência sobre a organização dos serviços de demarcação de terras, surgira uma intriga entre o dr. Blumenau e os engenheiros chefiados pelo dr. Pinto Braga, pelo fato que o dr. Blumenau atribuiu aos ditos engenheiros, de se ter difundido entre os nacionais estabelecidos na Colônia a opinião de que eles, “como *filhos do paiz*, nada tem que ver com os *estrangeiros*, quer dizer, com o pessoal da directoria, de origem estrangeira, nem lhes devem prestar a devida obediência” (97). Mal contendo a sua indignação, o dr. Blumenau escreve, a esse propósito, no seu referido relatório de 1874, o seguinte:

“... existindo senão provas jurídicas, pelo menos venhementes e mui fidedignos indícios, de que tal idéa lhes foi suggerida ou fortificada senão premeditada e maliciosamente, pelo menos por expressões ou conversações, tão reprehensíveis como altamente inconsideradas, de um ou de alguns dos agrimensores sob as ordens do engenheiro M. D. Pinto Braga. Além destas — prosseguiu o dr. Blumenau — se deram ainda no fim do anno outras indignas e muito censuráveis intrigas e instigações contra o abaixo assignado e outros empregados da directoria, emanadas, segundo todos os indícios, da mesma fonte e que dão triste prova da boa fé e rectidão, do bom senso e juízo de certos individuos” (sic) (98).

O estado sanitário da Colônia, bem ao contrário dos anos anteriores, não foi bom. Apareceram epidemias de *pintas*

e desinterias que causaram elevada mortalidade infantil. Verificaram-se, também, inúmeros casos de alienação mental entre os imigrantes, pelo que pedia o dr. Blumenau ao Governo os meios para construir um estabelecimento onde pudesse alojar os doentes mais furiosos, dada a impossibilidade de remover a todos para os hospícios da capital ou do Rio de Janeiro.

As obras públicas de maior vulto que estavam sendo executadas, a matriz católica e a casa de oração evangélica, ficaram algum tempo interrompidas por falta de oficiais pedreiros e marceneiros competentes, bem como porque a Mesa de Rendas de Itajaí reteve grande cópia de material necessário às referidas construções, que o dr. Blumenau comprara na Alemanha. A propósito, dr. Blumenau oficiou à Presidência, alegando que pedira isenção de direitos alfandegários para aquisição do aludido material; a qual lhe fora concedida verbalmente pelo próprio Presidente da Província e pelo Inspetor da Tesouraria da Fazenda. O caso foi, porém, submetido a exame do Ministério da Fazenda, razão por que custaram a ser entregues ao dr. Blumenau os referidos materiais. O edifício do hospital estava quase pronto, faltando apenas utensílios e aprestos internos para iniciar o seu funcionamento regular. As obras de reconstrução da sede da diretoria, também foram iniciadas nesse ano (99).

Dois falecimentos causaram pesar e transtorno à população colonial; o de dr. Cláudio Fr. Jebe, médico da Colônia desde o ano anterior, em 23 de Outubro; e o de Victor von Gilsa, professor público da escola do sexo masculino, no dia 9 de Novembro. O dr. Blumenau designou o cirurgião-alferes Carl Wilhelm Friedenreich para substituir o médico falecido até a chegada do novo profissional a ser contratado pelo Ministério da Agricultura, na Alemanha. Com a morte de Victor von Gilsa, porém, foram suspensas as aulas da escola pública do sexo masculino, dadas as dificuldades de se encontrar professor idôneo para substituí-lo e que soubesse as línguas alemã e vernácula (100).

1875

O fato mais importante que se registrou em 1875 foi a chegada à Colônia dos primeiros colonos italianos e tirolezes do sul, oriundos, em sua maioria, de Trento, então província do Império Austro-Húngaro. A corrente imigratória latina, en-

tão iniciada, merece especial menção, porque à sua operosidade, à sua quota de esforços e sacrifícios, deve o Vale do Itajaí muito de sua grandeza e do seu progresso. Rodeio, Ascurra, Cedros, Apiúna e tantos outros lugares e cidades hoje prósperas, aí estão a atestar às gerações presentes e porvindouras o inegável valor étnico e cultural dos colonos italianos no desenvolvimento desta bela região do Brasil.

Em Maio desse ano, por ter de ir ao Rio de Janeiro tratar de assuntos coloniais, o dr. Blumenau passou o exercício da diretoria a Hermann Wendeburg (101).

Em Julho, promoveu Hermann Wendeburg uma exposição de produtos coloniais, na sede da Sociedade de Atiradores de Blumenau (Schützengesellschaft Blumenau), que obteve pleno êxito e revelou o apreciável grau de adiantamento a que já atingira a Colônia. O júri da exposição, composto dos srs. H. Wendeburg, M. Merck, V. Gaertner, C. Friedenreich, A. Keunecke, dr. F. Müller, E. Scheidemantel, C. W. Roedel, Christiano Bauke, H. Krohberger, A. Blomeyer e J. Baumgarten distribuiu entre os colonos 6 prêmios de primeira classe de 16\$000 cada, 22 prêmios de segunda classe, no valor de 8\$000, 28 de terceira classe, de 4\$000 cada um, além de 63 menções honrosas. "A Regeneração", jornal que se publicava na capital do Estado, em seu número de 4 de Agosto, abriu colunas para descrever minuciosamente a exposição colonial de Blumenau, que se encerrou no dia 20 de Julho com solene jantar e animado baile. Da excelência dos produtos coloniais expostos, assim entusiasticamente se expressou o cronista de "A Regeneração":

"Sobre tantos e variados produtos, é-me quase impossível emitir juízo seguro, baldo como sou de conhecimentos especiais para bem avaliá-los; contudo, direi sempre que as canas, o café, o açúcar, o arroz, a farinha de mandioca, de araruta e de milho, o fumo, a manteiga, o vinho de laranja, as obras de marcenaria, as amostras de litografia, nada deixavam a desejar" (102).

Entre os produtos expostos, alguns pela originalidade merecem citações; a senhora Thusnelda Müller expôs uma chapelinha feita de bucha; a sra. Carolina Hahne, chapéus para crianças feitos também de bucha; a sra. Catarina Jensen, chapéus de palha de milho e, enfim, Júlio Baumgarten que apresentou um "instrumento para examinar ovos" (103).

A população total da Colônia elevou-se, em 1876, a 10.426 habitantes. Os índios, que havia cerca de 4 anos não atacavam aos colonos, no dia 4 de Outubro assaltaram a casa do tirolês Adão Paternolli, situada no ponto mais avançado do alto rio dos Cedros. Além de saquear a propriedade de Adão Paternolli, os selvícolas mataram-lhe duas filhas, uma de 5 e outra de 16 anos de idade. Como era natural, este assalto provocou verdadeiro pânico entre os habitantes da Colônia, especialmente entre os italianos e tirolezes recém chegados. A muito custo, graças às enérgicas providências do dr. Blumenau e aos esforços da guarda de batedores do mato e seu intrépido comandante, Frederico Deeke, se pôde evitar a retirada em massa dos colonos que se haviam instalado às margens dos rios Benedito e Cedros.

Verificaram-se, durante esse ano, quatro homicídios e três crimes de ferimentos, que foram regularmente processados. Esses fatos, que até então raramente ocorriam na Colônia, parece ter causado algum desassocego aos colonos, tanto que o dr. Blumenau, sempre cioso da tranquilidade pública, requisitou e obteve a vinda para a Colônia, de uma força militar, de 6 membros, e a nomeação de um sub-delegado militar.

(Continua no próximo número)



BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

Carl Constantin Knueppel

ELLY HERKENHOFF

- I -

Estreitamente vinculado à história da imprensa joinvillense, o nome de Carl Constantin Knueppel adquire relevo especial, neste ano do 125º aniversário da Cidade.

Foi Carl C. Knueppel o fundador do primeiro jornal lançado aqui em Joinville, a 2 de novembro de 1852, vinte meses após a chegada dos primeiros colonizadores do então nascente Schroedersort (Vilarejo de Schroeder), na Colônia Dona Francisca. O jornalzinho, escrito a mão em papel de carta duplo, era vendido a 320 réis segundo uns e a 100 ou 120 réis segundo outros autores, sendo que parte da importância apurada cabia ao redator, outra ao copista. O número de exemplares da cada nova emissão dependia da procura e, ao que parece, os folhetos eram avidamente disputados pelo público leitor.

Não se sabe, infelizmente, da existência de nenhum exemplar da tão curiosa — e tão preciosa — publicação, já que a única peça ainda remanescente há uns 30 anos, no “Zeitung-Museum” de Aachen, Alemanha, extraviou-se durante a II Guerra Mundial. Apenas existe, aqui em Joinville — pertencente ao historiador Adolfo Bernardo Schneider — uma reprodução, meticulosamente restaurada, da primeira e da quarta página, do primeiro número editado.

É certo, porém, que o redator Knueppel — que, segundo Alexandre Haas, estudara teologia na Alemanha — foi pessoa de grande cultura e apresentava, além de artigos de interesse geral, sugestões e ensinamentos aos colonos, assim como também criticava, sarcasticamente, o que achava que merecia crítica, contava anedotas e piadas e é de se crer que o tenha feito com muito espírito, uma vez que, já pela escolha do nome do jornal, demonstrara esplêndida dose de humor.

Chamava-se o jornal “Der Beobachter am Mathias-Strom”, isto é, “O Observador às Margens do Rio Mathias”. Ora, o nosso Mathias, que recebera o nome em homenagem ao Senador Christian Mathias Schroeder, de Hamburgo, e que atravessava — quase sempre pachorrentamente — o “centro” da Colônia, não passava então, assim como hoje não passa, de modesto riacho ou, quando muito, de um ribeirão. Assim, o nome adequado do jornal seria “Der Beobachter am Mathias-Bach”, isto é, “O Observador às Margens do Ribeirão Mathias” — mas Knueppel não se satisfiz com o “BACH”, decidiu-se pelo “STROM” — logo pelo “STROM”!...

É que existem, em alemão, dois nomes para definir um rio: “Fluss” e “Strom”. Um curso de água mais volumoso que um ribeirão é um “Fluss”. O Cachoeira é um “Fluss”, o Itajaí, o Pelotas, o Tietê. Mas uma torrente de água da potência do rio Paraná, por exemplo, não

é mais um "Fluss" — já é um "Strom". Assim, o Amazonas é um Strom, o Tocantins, o S. Francisco, o Nilo, o Mississipi — enfim, todos os imensos rios do mundo se definem como "Strom".

Daí o nosso, muito nosso "Mathias-Strom"...

Existe um detalhe curioso e de grande importância no caso de Carl C. Knueppel: a palavra "Knueppel" significa "porrete" em português e vários são os ditados, os provérbios, as expressões ligadas à palavra "Knueppell". Assim, existe o ditado: "Der Knueppel liegt immer beim Hund", isto é, "o porrete está sempre junto ao cão", significando que alguém faz ou deixa de fazer alguma coisa, forçado pelas circunstâncias. Há também o provérbio: "Wer Voegel fangen will, wirft nicht mit Knueppeln darunter", isto é, "quem quiser apanhar pássaros, não atira porretes no meio deles". A expressão "jemanden einen Knueppel zwischen die Fuesse werfen", isto é, "atirar um porrete entre os pés de alguém", é criar obstáculos a alguém, para prejudicá-lo. "Mit Knueppeln dreinschlagen", isto é, "meter os porretes", é empregado no sentido de "meter o pau", para resolver algum problema. Existe a palavra — adjetivo e advérbio — "knueppeldick", isto é, "da grossura de um porrete" e é usado, em linguagem popular, no sentido de "profuso, em demasia", como por exemplo: "Die Reklamationen kamen knueppeldick", isto é, "as reclamações vieram aos montes". Ou então: "ich habe es knueppeldick" o que significa, também em linguagem popular: "para mim, chega".

Sem sombra de dúvida, o nosso jornalista pioneiro, com aquele "esprit" que lhe é atribuído, usou e explorou fartamente tais idiomatismos no seu "Beobachter", sobretudo quando se dispunha à crítica, o que ocorria com frequência. E não há dúvida, por outro lado, que inúmeros foram os trocadilhos, as piadas, as chacotas criadas pela população, em torno de Knueppel, figura das mais conhecidas na Colônia, mas, devido às suas críticas, nem sempre visto com muita simpatia.

E no entanto, ao depararmos com o "artigo de fundo" na primeira página do primeiro número do "Beobachter", uma faceta extremamente simpática da complexa personalidade do jornalista se nos revela. Não é — ainda — o humorista por excelência, o crítico irreverente que nos fala. É o imigrante Knueppel — somente o imigrante — sensitivo, místico e profundamente humano. É o recém-vindo representante de toda uma coletividade ou, antes, de um determinado grupo de imigrantes oriundos dos países de língua alemã, cultos e idealistas, que para aqui vieram, após os movimentos revolucionários que ensanguentaram a Europa no meado do século passado, ou então vieram em consequência do rumo desastroso que havia tomado a Guerra Teuto-Dinamarquesa.

A parte inicial do artigo — todo redigido no estilo da época, segundo as normas da ortografia alemã então ainda em vigor e escrito na difícil letra alemã então em uso — diz o seguinte:

"Demos adeus às plagas do torrão natal... ah, doloroso adeus!

Apoderou-se de nós e consigo nos arrastou a grande corrente da desconfiança e do fracasso.

Não tinha espaço para nós a terra que fez a felicidade de nossos pais e que amávamos mais do que o nosso sangue? O que foi — e continua sendo — que nos expulsou, aos milhares e às dezenas de milhares, da idolatrada e inesquecível pátria?

É a vontade de uma Providência onisciente e insondável, que generosamente se revela sempre que um coração torturado anseia por mitigação e que, pródiga, estende a sua mão, onde existe alma em desespero.

Eu te saúdo, minha Nova Pátria!...”

- II -

Nada se sabe a respeito do encerramento das atividades jornalísticas de Knueppel em Joinville. O certo é que, tendo chegado a 12 de dezembro de 1851 pela barca “Neptun”, aqui residiu durante 9 anos, trabalhando como lavrador e em seguida como escrivão, até se transferir, em princípio de 1861, com a esposa e a filha Mimi, para São Paulo, onde iniciou a sua carreira de professor.

De acordo com o livro de registro de casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Joinville, Carl C. Knueppel nasceu em Pinne, na então província prussiana de Posen, hoje incorporada à República da Polônia, com o nome de Poznan. Eram seus pais Johann Carl Knueppel e Dorothea Richter e foi a 12 de julho de 1853 que, aos 36 anos, casou-se aqui em Joinville, com Caroline Baring (viúva de August Kohn), nascida em Barbados, nas Pequenas Antilhas, em 1813. Era filha de Eberhard Friedrich Baring e de Marie Elisabeth Hinds e é provável que tenha sido irmã de Stefan Baring, casado com Angela Fusering, pais de várias filhas: Eva, casada com Martin Baechthold; Susanne, casada com Wolf; Gertrud, casada com Josef Isensee. Do matrimônio de Gertrud Baring com Josef Isensee houve várias filhas, todas ligadas pelo casamento a tradicionais famílias joinvillenses: Luise, casada com Franz Lepper, Maria Bertha, casada com Hermann Friedrich Wetzel e Beatrice Martha, casada com João Mueller Jr., que foi hoteleiro, durante longos anos, em Joinville e em S. Paulo.

Após a sua transferência para S. Paulo, Carl C. Knueppel lecionou na Escola Alemã e embora não se disponha de dados exatos quanto a sua permanência na capital do Estado de S. Paulo, é certo que em 1866 ocupava o cargo de diretor daquele estabelecimento de ensino, porque a 27 de outubro daquele ano fez publicar no “Correio Paulistano” uma advertência aos pais que tinham ficado em débito com as mensalidades, dirigindo-se, em particular, a um cidadão, cujos três filhos haviam freqüentado as aulas na Escola durante mais de um trimestre, sem que o pai das crianças se lembrasse de pagar as devidas mensalidades...

Em seguida lecionou na Escola Alemã de Rio Claro e foi durante a sua atuação naquela cidade do interior paulista, que se deu mais um fato característico com o nosso jornalista das margens do “Mathias-Strom”:

Nem sempre o professor Knueppel estava de acordo com a opinião da diretoria da Escola e certa vez, após uma altercação com membros da diretoria, escreveu-lhes uma carta, que finalizava assim:

“... e caso a minha proposta não seja do agrado de V. Sas., aqui está a sua disposição o Knueppel”.

“... e caso a minha proposta não seja do agrado de V. Sas., aqui está a sua disposição o Porrete”.

Mais tarde transferiu-se para Botucatu, onde em 1880 fundou o “Colégio Benjamin Franklin” e onde veio a falecer, a 18 de setembro de 1895, após anos de trabalho intenso e profícuo em estabelecimentos de ensino daquela cidade.

O jornalista Norbert Jacques, num trabalho intitulado “O Mestre-Escola Knueppel no Brasil”, publicado em 1925 na revista alemã “Gartenlaube”, faz um relato, não só das atividades de Knueppel como “mestre-escola”, mas refere-se também a um trabalho literário do professor, uma história da Guerra Franco-Alemã de 1870-1871, escrita em português e intitulada: “Só Sete Meses”. O manuscrito foi por Knueppel remetido ao chanceler alemão, von Bismarck, de quem era grande amigo desde a juventude, com ele mantendo sempre correspondência. O Príncipe von Bismarck respondeu ao amigo, em carta de próprio punho, prometendo publicar o trabalho em Portugal ou no Brasil, mas infelizmente a publicação não se tornou realidade, antes que, em Berlim von Bismarck caísse em desgraça.

O “Estado de S. Paulo”, em sua edição de 20 de fevereiro de 1955, publica um artigo sob o título “A propósito de um Retrato”, em que dedica palavras de profundo reconhecimento à obra de Carl C. Knueppel, a quem o Instituto Botucatu muito ficou devendo. Refere-se o artigo também ao trabalho literário de Knueppel, sobre a Guerra Franco-Alemã e conta uma passagem — esta igualmente relatada por Norbert Jacques na “Gartenlaube” — que, como tantas outras, prova o humor invulgar de Knueppel. Em certa ocasião von Bismarck escreveu ao amigo em Botucatu, convidando-o a retornar para a Alemanha, onde estaria a sua disposição qualquer cargo de sua escolha. Ao que o professor respondeu com agradecimentos, dizendo que preferia ficar com os seus “botocudos” — apelido carinhoso por ele dado aos botucatuenses — uma vez que o cargo que lhe interessava — o único — já estava sendo ocupado pelo amigo, o Príncipe von Bismarck, chanceler do “Reich” Alemão...

Conforme vimos, Knueppel demorou apenas nove anos às margens do “Mathias-Strom”, o que é lamentável, em face do seu gabarito intelectual, da sua capacidade invulgar.

Talvez por ter demorado tão pouco, talvez por não existir, por assim dizer, vestígio de sua atuação na modesta Colônia Dona Francisca — o certo é que não há, em nossa Cidade, nenhuma rua, nenhum logradouro público, que lembre o nome do nosso jornalista pioneiro — Carl Constantin Knueppel.

HOMENAGEM A OTTO STUTZER

Frederico Kilian

Ocorreu a 28 de fevereiro de 1927 o falecimento de OTTO STUTZER, que foi o primeiro Superintendente de Blumenau.

Em homenagem à sua memória o eminente historiador catarinense, JOSÉ ARTHUR BOITEUX, escreveu e mandou ao jornal "O PAIZ", do Rio de Janeiro, um suelto, que saiu publicado na sua apreciada secção Ecos & Fatos, na edição do dia 13 de março de 1927 e que passamos a transcrever:

UM GRANDE VULTO CATARINENSE

"Acaba de desaparecer do mundo social e político de Blumenau, em Santa Catarina, uma das figuras tradicionais daquele importante município do futuroso Estado sulino.

Contando 92 anos de idade, dos quais mais de 60 sempre em atividade, ocupando neste largo período cargos de administração, tanto no regime colonial como depois de emancipado o núcleo fundado pelo Dr. Hermann Blumenau, faleceu Otto Stutzer, velho companheiro dos primeiros, daquele colonizador, cujo nome perdurará indelével na história da colonização brasileira.

Desde 1854, auxiliar prestimoso que sempre foi, Otto Stutzer trabalhou ininterruptamente com o fundador da colônia Blumenau até 1914, quando deixou o cargo de tesoureiro da Municipalidade.

Antes, em dois quadriênios, havia superintendido a administração comunal, na qualidade de Superintendente Municipal.

O mais velho dos habitantes do próspero município catarinense, Otto Stutzer, pôde, assim, desde 18 anos, acompanhar o desenvolvimento de uma das porções do Estado de Santa Catarina mais interessantes, quer pelos variados aspectos de uma natureza exuberante, quer pela evolução que vem sofrendo desde 1850, ano em que, às margens do Itajaí-Açu, aportou o Dr. Blumenau, o desbravador intemerato dos então inóspitos sertões que hoje se abrem à civilização, transformados num município de 100.000 habitantes com a renda anual de 1.200:000\$000.

Rendendo homenagem à memória de Otto Stutzer, cuja numerosa descendência sobe a algumas dezenas de membros, a imprensa blumenauense, em linhas de comovida justiça, salientou a exemplar correção pela qual pautou sempre os seus atos o homenageado respeitável que a morte acaba de abater, figura inconfundível no meio social e político de Blumenau, pelo muito que concorreu para o desenvolvimento daquela região." -----

E, para que esta necrológica nota do eminente catarinense, que foi JOSÉ ARTHUR BOITEUX, figura das mais ilustres da terra barrigaverde, fique integrando o patrimônio histórico de nossa comuna, "BLUMENAU EM CADERNOS" a acolheu em suas páginas, associando-se assim às justas homenagens a que fez jus Otto Stutzer, um dos mais destacados homens públicos de Blumenau.

Diário de um construtor de Itajaí, no ano de 1899

Publicamos em o número 2 do corrente ano, extraído de um "DIÁRIO", escrito em idioma alemão por um construtor e traduzido para o vernáculo pela redação, um artigo com referência à construções de casas em Itajaí. Procuramos por todos os meios possíveis, descobrir o nome desse construtor que dia a dia fazia seus registros no citado "DIÁRIO". Baldados porém, foram os nossos esforços, pois ninguém nos pôde informar com certeza, o nome do tal construtor. Diziam alguns, tratar-se de um alemão espigado e que usava cavanhaque e era muito divertido, o nome porém, ninguém soube nos informar. Eis, que acabamos de receber do Senhor Antonio Augusto Nobrega Fontes, Secretário do Governo do Estado de Santa Catarina, onde ocupa o elevado cargo de Coordenador de Assuntos Culturais, a seguinte missiva, que publicamos na íntegra:

"Li com o máximo interesse, no nº 2 do corrente ano, o "Diário de construtor de Itajaí do ano de 1899". O "FONTES" tantas vezes citado nas páginas de Guilherme Müller é meu avô paterno. Manoel Antonio Fontes, dentre cujos descendentes destacam-se as respeitáveis figuras de meus Tios, o Desembargador Henrique da Silva Fontes e o

Itajaí 29 de July 1899	Sr. Antonio Fontes	Sr. Guilherme Müller	DRE
Trabalho contratado de Casa	uma porta mais alte	4	907,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	170,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	25,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	89,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	4,400
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	7,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	23,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	8,800
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	6,500
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	10,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	38,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	24,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	30,000
Trabalho de lreito	Trabalho de lreito	4	160,000

Cônego Tomás Adalberto da Silva Fontes. Meu avô era português, naturalizado brasileiro e tendo pertencido à Guarda Nacional. Recebi de minha Tia, Virginia da Silva Fontes, residente em Itajaí, e ainda na casa que construiu Guilherme Müller, velhos documentos de família, entre os quais se destaca a nota com comprovantes de despesas e recibo passado por Guilherme Müller, datado de 31 de dezembro de 1900, cujas cópias estou remetendo a essa Revista. Tenho o máximo interesse em saber se continuarão a ser publicados novos capítulos do Diário, na expectativa de encontrar mais referências a construção da casa de meus avós, o que para mim seria de muita importância, dado o valor histórico das informações. Na expectativa dos próximos números de "BLUMENAU EM CADERNOS", subscrevo-me apresentando minhas mais

Respeitosas Saudações

Antonio Augusto Nobrega Fontes"

Abaixo a relação do Orçamento, que também nos foi enviado em foto-cópia,

Agradecemos, mui penhorados, ao Sr. Antonio Augusto Nobrega Fontes, a gentileza e o grande auxilio que nos prestou.

2 folhas de Vidre sobre o contrato	160,000
Dzr 15 Calçada na quintal	66,000
Recebi por conta	
Abri 10 primeiro pagamento	1.000,000
Maio 27 segundo	1.000,000
Junho 10	1.000,000
Julho 9	1.000,000
Agost 3	1.000,000
Setr 3	1.000,000
Outr 3	1.000,000
Nov 8	500,000
Dzr 15	1.100,000
	8.100,000
Recebi	
por valor da conta F.F. 623	
em Itajaí em 31 de Dezbr 1900	
Guilherme Müller	

UM TOPÔNIMO

C. GAERTNER

Os nomes dos lugares, cidades, vilas, povoados, rios, montes e outros acidentes geográficos, podem originar-se de pessoas (Florianópolis, Joinville, Blumenau), de orientações ou dos próprios acidentes (Rio do Sul, Laguna), de espécimes animais (Tubarão, Tangará), vegetais (Ipoméia, Videira, ou minerais (Diamantina, Crisolita) e de muitas outras fontes, de exposição supérflua e cansativa. Em nosso País, devido à influência do aborígine, muitas localidades receberam graciosos nomes na língua tupi-guarani, como Pirai (rio do peixe), Itaguaçu (pedra grande), Itoupava (queda d'água), Tajaí (rio do tajaí) que, pela influência absorvente e eufônica do vocábulo "ita", passou a ser Itajaí.

O povo, pelas leis do hábito e da inércia associadas à superstição, apega-se aos nomes tradicionais entendendo que a mudança de nome da cidade ou vila é como mudança de igreja de um local para outro: traz azar! A população de Não-me-Toque, Rio Grande do Sul, apelou para um plebiscito afim de que o nome da cidade não fosse mudado para Campo Real. E, no mesmo Estado, ainda permanece a insistência popular para que se continue a escrever Erechim com CH em vez de Erexim com X, conforme as alterações ortográficas. A Bahia bateu-se para não perder o seu vetusto e tradicional H, bem como Lages mobilizou todas as reservas para não substituir o seu venerando G que, afinal de contas, assenta-lhe muito bem.

Em muitos casos, os nomes dos lugares estão ligados a uma pequena história.

Em outubro de 1974 tivemos a oportunidade de satisfazer um pedido do Professor Eliseu Lofêgo, de Cachoeira de Itapemirim, Espírito Santo, que está escrevendo sobre as origens dos topônimos dos municípios brasileiros. No caso em foco tratava-se da origem do topônimo "Rio das Antas".

Contavam os antigos e distanciados moradores da região que João Fernandes Pontes e Generoso Ribeiro de Andrade eram inseparáveis companheiros de caçadas. João Fernandes Pontes residia na sua fazenda de Rio das Pedras (hoje município de Videira) e Generoso Ribeiro de Andrade, na fazenda Liberata (hoje no município de Fraiburgo). No bruxulear do século passado ambos caçavam em terras da Fazenda Butiã Verde, recém-medida pelo dr. Locio, quando Generoso ouviu o grito de um guará. Nada disse ao companheiro. Ora, guará é um animal de campo, logo... Elementar! Generoso marcou muito bem o lugar em que se encontrava, assinalando, pelas copas das árvores a direção do latido do animal, e, mais tarde, regressando preparado ao mesmo sítio, seguiu o rumo assinalado, vindo a descobrir umas belas campinas, atravessadas por um rio de águas morosas a que deu o nome Mansinho, e onde logo se estabeleceu. Tinha descoberto um campo. A princípio quis dar-lhe o nome de Erexim (campo pequeno), mas prevaleceu o nome de Liberata, certamente porque a descoberta lhe trouxe alguma forma de liberdade. Seu primeiro filho, nascido

na nova propriedade, recebeu o nome de Libero Ribeiro de Andrade.

De outra feita, lá pelo alvorecer do século, Generoso e Fernandes Pontes foram caçar para as bandas do rio do Peixe, famoso pela abundância da caça. O rio do Peixe, tributário do rio Uruguai, era então um volumoso caudal de águas límpidas e piscosas. Marginavam os nossos caçadores pela direita de um rio menor, afluente esquerdo do rio do Peixe, seguindo as pegadas de duas antas, cujos valiosos couros cobijavam para a confecção de aparelhos de montaria. Um aparelho consistia de buçal, canas da rédea, cabeçada, peitoral e mania. O couro de anta, branco, macio e forte, era o que havia de melhor para essa confecção.

Acompanharam os rastos, cuidadosamente, até um local onde os animais tinham entrado n'água. Continuaram rio abaixo até alcançarem uma alta ribanceira de onde podiam olhar melhor o rio, pois as antas não deviam estar muito longe. Avançaram até a orla da ribanceira para melhor observarem, pois já estavam próximos da barra e já se avistavam as águas tumultuosas do rio do Peixe.

Avançavam com cuidado, silenciosamente, um passo aqui, outro passo ali, como índios. Mais um passo e o terreno ruiu fragorosamente sob seus pés e ambos caíram, com o rifle "Winchester" e a pistola "Lefauchaux" de fogo central, em cima das duas antas!

Acontecera que o rio, naquele tempo com mais que o dobro do volume d'água, cavara a riba formando um grande solapão, recoberto em cima por pouco densa camada de terra mantida pela cabeleira emaranhada de raízes da grama e dos arbustos, onde as antas se amoitaram. A superfície não suportou o peso dos avantajados sertanejos e ruiu!

Enquanto isso as antas, bufando espavoridas, atravessaram céleres o rio, embrenhando-se na densa mata paludosa da outra margem. Os caçadores, além do banho inesperado que lhes enxarcara as roupas e molhara e enlameara as armas e as munições, levaram um tremendo susto e trataram de regressar, batidos e desconsolados, para a distante clareira onde tinham deixado o rapagote com as montarias. Lá, frente a um bom fogo, secaram as roupas, limparam as armas, alimentaram-se e regressaram para suas fazendas, rindo, por fim, da ridícula aventura.

E aos frustrados caçadores restou não só uma fantástica e quase incrível história para ser contada ao pé do fogo na hora do chimarrão, como também um topônimo para identificar o local do discutido acontecimento.

Quando a Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande plantava estações de 30 em 30 quilômetros no vale do rio do Peixe, uma delas coincidiu ficar nas proximidades da foz do tributário, que então já tinha um nome, e foi, por isso, denominada Estação Rio das Antas e inaugurada a 1^o de maio de 1910.

A 15 de janeiro de 1919 foi instalado o distrito de Rio das Antas, como o Sexto do Município de Campos Novos. Entre os primeiros quatro Juizes de Paz daquela época figura Libero Ribeiro de Andrade, filho do proprietário da Fazenda da Liberata, e cuja aventureira caçada de antas veio dar um nome ao afluente do rio do Peixe e à pequena cidade que o margeia.

A PROPÓSITO DE UMA CARTA SOBRE A FUNDAÇÃO DE BLUMENAU

EDISON D'ÁVILA

O jornal itajaiense, "Progresso", nº 34, de 25 de agosto de 1900, publicou à página 2, na secção "Noticias", a seguinte nota: "A respeito da data certa da fundação da colônia Blumenau o nosso amigo sr. Guilherme Asseburg remeteu-nos informações que a ele foram fornecidas pelo sr. Paulo Kellner, único sobrevivente, segundo nos consta, dos primeiros habitantes de Blumenau. O sr. Paulo Kellner é hoje morador em São Paulo e não podendo em pessoa vir assistir aos festejos do jubileu e tendo lido que sobre a data da visita dos primeiros colonos havia dúvidas, dá os seguintes pormenores. Diz ele:

"Em 21 de agosto de 1850 chegamos em Santos com 72 dias de viagem numa barca da Casa de Chriest Mathias Schroeder, de Hamburgo e seguimos logo para Desterro, onde demoramos uns dias por causa da conferência de bagagem, seguindo depois em um hiate para Itajaí. No dia 2 de setembro chegamos no Belchior, donde fomos transportados incontinenti, em balsas mandadas pelo sr. Fernando Hackradt, sendo remadores: Francisco Borba e Antônio de Oliveira. No mesmo dia ficamos no lugar chamado "Velha" e nos hospedamos nas casas do sr. Dr. Blumenau. Ainda tudo era mato virgem, mesmo a atual sede.

Os passageiros eram:

GUILHERME FRIEDENREICH, sua mulher e 2 filhas.
FAMÍLIA KOHLMANN: 5 pessoas (marido, mulher, 1 filho e 2 filhas),
F. RIEMER e 1 filho, REINHOLD GAERTNER, Agrimensor JULIUS RITSCHER, PAULO KELLNER, Carpinteiro PFAFFENDORF, Marceineiro GEIER, ao tudo 17 pessoas."

Tal nota, eu a li várias vezes, nas muitas ocasiões em que folhee a coleção do jornal de minha terra, sem que nada de especial tivesse observado, afora o valor histórico que sempre vi no testemunho deste colono. Foi quando resolvi fazer confronto com as informações dadas por José Ferreira da Silva, em sua monumental "História de Blumenau", que percebi algumas discrepâncias nestas reminiscências de Paulo Kellner ao relacionar os primeiros imigrantes trazidos pelo Dr. Blumenau, ao dar início a sua obra colonizadora.

Diz Ferreira da Silva, às páginas 40 e 41 de sua citada obra:

REINOLDO GÄRTNER, com 26 anos de idade, solteiro natural de Brunsvique, sobrinho, pelo lado materno, do Dr. Blumenau;

FRANCISCO SALLENTHIEN, com 24 anos, solteiro, lavrador, também natural de Brunsvique;

PAULO KELLNER, 23 anos, solteiro, lavrador, igualmente de Brunsvique;

JÚLIO RITSCHER, 22 anos, solteiro, agrimensor, natural de Hannover;

GUILHERME FRIEDENREICH, com 27 anos de idade, alveitar, natural da Prússia, casado com

MINNA FRIEDENREICH, 23 anos de idade, possuindo o casal os seguintes filhos:

CLARA, com 2 anos de idade;

ALMA, com 9 meses;

DANIEL PFAFFENDORF, 26 anos de idade, solteiro carpinteiro, natural da Saxônia;

FREDERICO GEIER, 27 anos de idade, solteiro, marceneiro, natural de Holstein;

FREDERICO RIEMER, 46 anos de idade, solteiro, charuteiro, natural da Prússia;

ERICH HOFFMANN, 22 anos de idade, solteiro, funileiro, também da Prússia;

ANDRÉ KOHLMANN, 52 anos de idade, ferreiro, igualmente da Prússia, acompanhado da esposa

JOANNA KOHLMANN, 44 anos de idade, e das filhas:

MARIA, 20 anos de idade, solteira;

CRISTINA, 17 anos, também solteira; e finalmente,

ANDRÉ BOETTSCHER, com 22 anos de idade, solteiro, ferreiro, natural da Prússia."

O leitor pode perceber então que ao relacionar os seus outros 16 companheiros de viagem e empresa, Paulo Kellner não incluiu Francisco Sallenthien, nem André Boettscher. E, por outro lado, diz ter a família Kohlmann 5 elementos: marido, a esposa, as 2 filhas e 1 filho, que Ferreira da Silva não cita. Além disso, de Frederico Riemer, diz o misivista que veio com um filho; coisa intrigante, pois que o historiador de Blumenau afirma ter vindo solteiro, com 46 anos!

Quis-me parecer por uns instantes que tenha havido lapso de memória do ex-colono Kellner, homem já de 73 anos ao escrever a carta. No entanto, deixa-me intrigado o fato de que o mesmo tenha-se lembrado tão bem dos nomes dos remadores brasileiros que os transportaram do Belchior à novel colônia, detalhe este não lembrado na "História de Blumenau", e tenha-se esquecido dos nomes de dois companheiros seus — Francisco Sallenthien e André Boettscher; companheiros de 72 dias de viagem! Quero acrescentar ainda que, segundo Ferreira da Silva, Kellner e Sallenthien empreenderam, pouco tempo depois da sua chegada, viagem a Itajaí, com Reinhold Gaertner, a fim de aqui se estabelecerem. Um com serraria, o outro com um pequeno comércio. Como pôde Kellner se esquecer de mencionar Sallenthien?

Deixo aos estudiosos da história de Blumenau o favor de averiguar quem esteve, neste caso, equivocado. Kellner ou José Ferreira da Silva?



GENEALOGIA

— JEAN R. RUL —

BLUMENAU EM CADERNOS pretende reservar algumas páginas, periodicamente, à publicação de genealogias de famílias da região. Se possível, não nos limitaremos à vida brasileira destas famílias, pois tentaremos também reconstituir estas genealogias na época anterior à sua vinda ao Brasil, portanto, nos seus países de origem.

Para este fim, esperamos contar com a colaboração das sociedades genealógicas daqueles países e iniciaremos em breve um intercâmbio de publicações e de informações com as 54 sociedades, cujos endereços já possuímos, sediadas na Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Suíça, África do Sul, etc.

A fim de alcançar sucesso neste projeto, necessitamos da colaboração — em seu próprio interesse — das famílias de nossa região, para que nos forneçam dados sobre suas origens, se possível com as ramificações ou os descendentes do primeiro antepassado que aqui se estabeleceu.

x x x

Genealogia é a ciência dos antepassados, da família, de suas origens e da transmissão de um nome. É uma ciência e, por sinal uma das mais antigas de todas, pois ela já é mencionada no Gênesis, primeiro livro do Antigo Testamento, que relaciona toda a genealogia de Adão até Noé.

Ela é intimamente ligada à História. As duas estão tão estreitamente entrelaçadas que, sem a genealogia dos soberanos nos mais diversos países — sejam imperadores, reis, duques, condes, faraões ou dinastias, como na China e no Egito — a História não saberia explicar as inúmeras guerras cujas causas foram única e exclusivamente disputas pelo direito de herança sobre um território ou parte dele. Algumas destas guerras são por isto chamadas de "guerras de sucessão", as principais assim conhecidas foram da Áustria, da Espanha e da Polônia.

A genealogia nos explica também a razão de uma região, ou mesmo um país, ter mudado de dono, para não dizer de nacionalidade. Caso típico, os Países Baixos. Pertenciam aos duques de Bourgogne, descendentes de um rei da França. Pelo casamento de Marguerite de Bourgogne com Maximiliano da Áustria, passaram à dominação austriaca em 1477. Ao serem unificadas a Espanha e a Áustria em 1519, sob o reino de Carlos V — também por herança — várias províncias dos Países Baixos tornaram-se espanholas, para voltarem à Áustria em 1711, novamente por direito de herança.

Outra ciência muito ligada à genealogia é a heráldica, o estudo dos brasões. Sempre andaram de mãos dadas, pois o brasão ou escudo permitia a identificação da família, seus ascendentes e descendentes. A comprovação de boa nobreza se fazia com a apresentação de seus 8, 16 ou 32 quartéis, ou seja os 8 bisavós, 16 trisavós ou 32 tetravós, com os res-

pectivos brasões. Assim se provava as origens puras, pois tanto do pai quanto do lado materno todos os 8, 16 ou 32 antepassados eram de boa estirpe. Era a mentalidade da idade média e assim ficou até o nosso século. Agora tudo mudou. Reis e Príncipes casam com gente do povo e a nobreza teve que desistir de seus preconceitos contra o plebeu.

Existem genealogias famosas, entre outras as da Bíblia. A mais fantástica é talvez a de Hailê Sellassiê, imperador da Etiópia, ora falecido. Ele pretendia ser descendente do rei Salomão, o que seriam quase 3.000 anos de história de família, com uma seqüência de 100 gerações. Infelizmente não existem provas para tais alegações, baseadas apenas em tradição e lenda, o que não impede que possam ser verídicas.

As genealogias que regridem às épocas mais remotas são de famílias reais européias, com seus descendentes, reinantes ou não; porém poucas podem apresentar ascendentes anteriores ao ano 1.000 de nossa era.

As famílias nobres possuem genealogias, algumas bastante antigas com sua origem desde a época das primeiras cruzadas. Outras alcançam apenas os séculos 14 ou 15, geralmente a partir do momento em que o antepassado mais remoto conquistou seu título de nobreza.

Entre a nobreza e a plebe, pelo século 13, apareceu uma nova categoria social: a burguesia. Plebeu de nascimento, o burguês foi conquistando força e poder graças ao seu trabalho e conseqüente independência financeira. De modesto artesão foi ampliando sua oficina para torná-la o que hoje chamariamos de indústria. Outros, de pequenos comerciantes chegaram a ser homens de negócios e mesmo financistas, não raras vezes emprestando dinheiro aos nobres e aos reis.

Os mestres artesãos se uniram em corporações com estatutos bastante rígidos, porém para os filhos dos mestres, as regras para o ingresso eram bem mais suaves. Criou-se uma tradição de pai para filho no artesanato e nas corporações, despertando interesse para a genealogia. Fato idêntico ocorreu com os burgueses. Eles eram habitantes de um burgo: cidade ou comuna que mantinha um mercado ou feira, geralmente semanal. Os burgueses criaram o que hoje chamariamos de "código de posturas" que regulava a obtenção e manutenção do título de burguês, seus privilégios e suas obrigações. Aqui também, os filhos e netos de burgueses registrados obtinham maiores facilidades na sua inscrição no registro da burguesia e mais uma vez a genealogia tornou-se um fator importante na vida social do momento.

Assim vemos aparecer genealogias, pelos séculos 15 e 16, das famílias não nobres, que, imitando a nobreza, passaram a adotar e usar brasão transmitido aos filhos e descendentes.

O povo em geral começou a se interessar pela genealogia somente em meados deste século. Na Europa e na América do Norte o assunto virou quase coqueluche e nasceram sociedades especializadas, algumas com milhares de sócios, todos à procura de seus antepassados. A maioria destas sociedades publica boletins periódicos em que são reveladas fontes de informações, genealogias de sócios, índices alfabéticos de registros antigos, sumários de arquivos dos mais diversos e, enfim, uma secção de pedidos de informações. Promovem encontros periódicos, exposi-

ções de genealogias e cursos de escrita antiga. Este intercâmbio entre os sócios e entre as sociedades traz os melhores resultados, pois todos ajudam de bom grado, sabendo que é a melhor maneira de receber a mesma ajuda em troca, quando precisar.

E no Brasil? Apesar de ter havido sempre algumas pessoas interessadas no assunto, a quantidade destes estudiosos é realmente insignificante. Carência idêntica pode ser constatada com as publicações genealógicas. É nosso propósito tentar despertar maior interesse pela matéria e, de antemão, agradecemos comentários e sugestões de nossos leitores.

ACHTUNG — ATTENTION

Wir fangen jetzt an mit genealogischen Nachrichten und bitten um Ihre Aufmerksamkeit für unsere monatlichen Beiträge.

Par ce numéro nous commençons notre article mensuel "Généalogie" sur lequel nous prions votre attention.

With this publication we are starting our monthly genealogical information on which we call your attention.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

HISTÓRIA DE RIO DOS CEDROS — Pe. Victor Vicenzi
Editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" (Livro nº 12)
Blumenau — 1975

Surpreende, pela singeleza e pela forma cativante como foi escrito, este livro do padre Victor Vicenzi.

Nascido em Rio dos Cedros, o autor, depois de concluir seus estudos e ordenar-se padre, participou de diversas atividades culturais e educativas. E acabou voltando para sua terra, onde atualmente é vigário da paróquia.

O livro conta com uma apresentação do professor Nelo Osti e o prefácio foi escrito pelo Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Blumenau, Professor Olivo Pedron.

A edição é uma homenagem ao centenário da imigração italiana naquele Município, ocorrido em 1975.

Depois de alinhar alguns dados históricos sobre o Vale do Itajaí, enfocando as primeiras levas de imigrantes chegadas à região, que culminaram com a fundação de Rio dos Cedros (antiga Arrozeira) em 1875, o autor passa a dissertar sobre vários assuntos, entre os quais a vida política do Município, o folclore, costumes e festas populares, inclusive reproduzindo as letras de algumas canções que ficaram marcadas na vida e na história daqueles que colonizaram a região. Segue-se uma relação

de sacerdotes e freiras nascidos em Rio dos Cedros e, ainda, uma lista de advogados, professores e ilustres filhos do município, que é conhecido como o "empório cultural do vale", segundo o livro. Fica-se sabendo, por exemplo, que os atuais vigários de São José dos Campos, Ponta Grossa, Rio Grande e de muitas outras cidades, nasceram em Rio dos Cedros.

Em seguida, desfilam pelas páginas do livro de Vicenzi as principais indústrias e casas comerciais rio-cedrenses.

A obra enfoca ainda a vida religiosa do Município, contando algumas histórias "místicas", como a da Gruta de Nossa Senhora de Lurdes.

Também se faz um suscinto, mas completo relato das principais regiões de Rio dos Cedros, onde estão situadas as localidades de São Bernardo, Rio Cunha, Rio Rosina, Rio Esperança, Rio Ada, Alto Cedros, Alto Rio Palmeiras e Rio Milanês.

Vale destacar, aqui, uma referência que o autor faz ao Dr. Giovanni Rossi e ao campo experimental de agricultura implantado em Rio dos Cedros, que teve a dirigí-lo o Dr. Rossi.

A presente obra cumpre perfeitamente a sua finalidade, que é a de traçar um levantamento completo do Município de Rio dos Cedros. E vai mais além, apresentando fatos interessantes e pitorescos, que acabam por transformar o livro numa fonte de prazer para quem o lê. Traz o nº 12 da coleção editada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau". Que bom seria se todos os municípios encontrassem alguém tão disposto a escrever sua história, como Rio dos Cedros encontrou na pessoa do seu ilustre filho Vicenzi.

NOTA:

Na edição de abril, nesta coluna, fizemos a alusão à dificuldade que tivemos para encontrar nas livrarias o último trabalho de Lausimar Laus. "O Guarda Roupa Alemão". Constatamos, com satisfação, que o livro foi lançado oficialmente no dia 13 de abril findo, em ato que contou com a presença da autora, no Salão Nobre da Assembléia Legislativa. Com isso, espera o autor destas linhas que "O Guarda Roupa Alemão" apareça nas estantes das livrarias. (CBM)

A V I S O

Com o presente número, ficam suspensas as remessas de BLUMENAU EM CADERNOS aos assinantes que não pagaram as suas assinaturas para 1976.



Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

EMILIO BUZZI

Natural do atual "Comune di Trigolo" — então pequeno "paese" da província de Cremona, Itália — EMILIO BUZZI nasceu no dia 28 de dezembro de 1864, sendo neto paterno de Giuseppe Buzzi e de Marianna Nattezzoni e materno de Giovanni Baptista Fioni e Giuseppa Farozzi.

Emigrara com seus pais Giovanni Buzzi e esposa Pacienza Fioni Buzzi, chegando à então denominada "Colônia S. Paulo" provavelmente nos primeiros meses de 1876, juntamente com cinco irmãos, sendo Ferdinando, com 18 anos; Baptista, com 15 anos; Clotilde, com 10 anos; Tranquillo, com 8 anos e Ultimo, com 3 anos. Nasceram em Ascurra mais quatro filhos do casal: Adella, Giuseppina, Silene e Alberto Buzzi.

Ao chegar a Ascurra, contava então 12 anos de idade e, pois, desde menino, teve que participar de todas as lutas, dificuldades e trabalhos inerentes à sua qualidade de imigrante-pioneiro.

Em 23 de setembro de 1889, contando então 26 anos de idade, Emilio Buzzi contraiu matrimônio com Chiara Madalena Tessarolli, nascida em Citadella, província de Pádua, filha do carpinteiro Giovanni Tessarolli e de Isabel Ballestrin, também pioneiros da primeira leva de imigrantes de Ascurra.

Deste consórcio, o casal teve dez filhos: 1) Aquilino Buzzi, casado com Rosa Filippi; 2) Tereza Buzzi, solteira, faleceu com 79 anos; 3) Aquilina Buzzi, casada com Max Gruber; 4) Maria Buzzi, casada com Alberto Filippi; 5) Luiz Buzzi, casado com Rosa Finardi; 6) João Buzzi, casado com Ida Finardi; 7) Angela Buzzi, casada com Alessio Testoni; 8) Angelo Buzzi, casado com Amelia Gruber; 9) Leopoldo Buzzi, casado com Amelia Chiminelli e José Buzzi, casado com Pasquina Viviani.

Dos dez filhos de Giovanni Buzzi, o que mais se sobressaiu foi Emilio Buzzi, não só pelas suas qualidades morais mas também pelos seus dotes de inteligência e operosidade.

Teve destacada atuação política e administrativa em Ascurra. Foi membro proeminente da secção distrital do antigo Partido Republicano Catarinense. Em 2 de janeiro de 1917 foi designado para o cargo de Inspetor de Quarteirão do Ribeirão São Paulo e a 18 de dezembro de 1920 até 17 de março de 1923, foi Juiz de Paz de Ascurra.

Por diversas vezes com ele dialogamos, quando então colhemos apreciável número de informações sobre os primórdios de Ascurra, notadamente os episódios que ocorreram em 1892, quando da prisão de Pe. José Maria Jacobs, ocasião em que Emilio Buzzi acompanhou este sempre lembrado sacerdote até sua libertação ordenada pelo Tribunal de Justiça em Florianópolis.

Pudemos constatar então a extraordinária figura humana que era. Nele não se sabia o que mais admirar: a envolvente simpatia ou o afortunado destino de inspirar aos que dele se acercassem, a grandeza do afeto, desse afeto que tudo ensina, que tudo concilia, que tudo perdoa, no caminho da existência, tanto nos dias em que a felicidade dourou como nas horas infalíveis da tribulação e da dor.

Pai extremo, deu aprimorada educação aos dez filhos, o caçula dos quais é o atual vice-prefeito do município que no longinquo 1876, seu ancestral Giovanni Buzzi fundara.

Homem piedoso, era devotado à religião, tendo tido destacada atuação como fabriqueiro da Capela "Sagrada Família" erigida por seus pais nos primórdios da fundação de Ascurra e reconstruída em 1935.

Cercado do carinho e da admiração de sua numerosa descendência e da população de Ascurra, Emilio Buzzi numa velhice feliz e edificante, atingiu os 78 anos de idade, falecendo em 7 de março de 1943, tendo sido inumado no cemitério da Igreja "Sagrada Família".



Bodas de ouro do casal Emilio e Chiara Buzzi

Flagrante feito em 23 de setembro de 1939, vendo-se o casal homenageado entre o Revdmo. Pe. João Baptista Rolando, vigário da paróquia de Ascurra, o historiador blumenauense Prof. José Ferreira da Silva, o casal Silvío e Helena Scoz, de Rodeio e mais os 10 filhos e seus netos.

HERANÇAS DO FOLK-LORE UNIVERSAL EM SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

- II -

O Boi-Mamão tem raízes ilhoas na Ilha de Santa Catarina, pois dali se distribuiu no litoral catarinense, de Laguna a Porto Belo. Foi nessa distribuição, pelo processo de micro-migração do pescador e do lavrador, que o FOLK-LORE original do Boi-Mamão sofreu algumas pequenas transformações iniciais; e, depois, as grandes deturpações, a partir de 1930, com a dilatação dos meios de comunicações e transportes. E convém referir que um dos mais renitentes viajores do sul do Brasil é o MATUTO ilhéu; o MATUTO ilhéu não faz o tão decantado TURISMO LINEAR; ele faz VIAGEM DE IR E VIR, só pra conhecer, mas isto apreciaremos em oportuno capítulo. (Chamo esse pseudo-turismo de hoje de TURISMO LINEAR porque não passa de passeio malanjambrado em roteiros de empresas ganhadoras de dinheiro pra mostrar cidades a BASBAQUIES; isto a PRESTAÇÃO; como diria o velho MATUTO. Turismo, de TOUR, TOURNÉE, é nada mais nada menos que VOLTA AO MUNDO). MATUTO, no perfeito significado do termo, só existe na Ilha de Mei-en-bipe; o vocábulo é redução de MATUTAR, madrugagar, que também é formação açorita da deusa latina Matuta, madrugada. O MATUTO ilhéu é, pois, um madrugador. MATUTO é quem levanta antes dos primeiros raios do Sol, com a Estrela MATUTA, — Vênus em elongação oeste —, para os trabalhos de transportes dos produtos hortelãos. (Ver o capítulo: Os Matutos Ilhéus). Mas sigamos o tema: O Boi-Mamão. Hoje, espertos ganhadores de dinheiro, fazem exhibições pagas pros tais turistas, com monstregos e amontoados de monstregos, que dizem ser o tal BOI DE MAMÃO. Ai, sim, creio, em semelhante ABADERNAMENTO, cabe o título ridículo. Gente há que pensa que Tradição evolui; se evolui, é cousa dinâmica; e Tradição não evolui: É estática. Por isto, é Folk-lore. A verdade é que tem certa gente destruindo tudo, com fama vazia e oca. Oportunistas que tendo seu dinheirinho mal-ganho e seu STATUS de momento pouco se lhes dão o FOLK-LORE. A verdade é esta: Ou conservamos a Tradição e deixamos a imitação tipo MAFUÁ ou não teremos nada a contar a ninguém daqui a alguns anos.

Mas o Boi-Mamão, na sua brincadeira, dizemos, é um ritual de cura. Não pode ser alterado ou não passará de ridícula palhaçada, de triste MAFUÁ. Na ilha e trecho litorâneo já citado, o culto ao Boi, pelo Boi-Mamão, não tem outro nome, que não lhe diz liame de história, como, por exemplo, esse idiota BOI DE PANO. O tal BOI DE PANO é intromissão de linguajar e figuração holandesa em Pernambuco. Isto não existe como fator histórico ou como Tradição de uso e costume local.

Como o Boi-Mamão é figura importante no FOLK-LORE do Culto e das Superstições, convém não deixar que se torne em ridícula idiotice (o que é redundância, por certo, de vez que tudo que é ridículo, idiota é).

Culto de cura, como dissemos, as Cantorias do Boi-Mamão ficaram na evocação anual do MATUTO há mais de 300 anos. Reconstituindo um rito de Boi-Mamão, encontramos:

TOUREIRO (figura que fica, com um trapo, à frente do simulacro, para excitá-lo)

Ei, boi! ei boi!	Ei boi! ei boi!
boi, boi, boi,	Bamo dançá
Mo boi vem cá,	pa alegá
bamo dançá	Mo boi vem cá.

(O Boi-simulacro saracoteia, esperneia, dá giros, avança e recua, e por fim cai, doente, à beira da morte).

CANTADORES (Com instrumentos de percussão e sopro. Só mais tarde a rebeca, o violão ou o cavaquinho foram admitidos, e, por último, a sanfona).

O boi morreu	Ó mo bom sinhô
ai, ai,	pra sarvá o boi
qui será du dono	chama o rezadô
ai, ai,	ai, ai,
foi duença ô sono	chama o rezadô.
ai, ai,	

REZADOR (Curandeiro, que sobre o simulacro tece gestos, espalha mizinhas, grita, brada, gesticula e os cantadores seguem cantando)

Rezadô, Rezadô,	rezadô reza o boi, ai, ai,
reza o boi do Sinhô,	num dexa morrê, ai, ai,
que é boi d'inghenho,	qué boi novinho
que é boi di ganho,	qué ternerinho
num pode morrê	du Sinhô, ai, ai, ai, ai.

(Nesse entremeio de reza do Rezador e Canto dos Cantadores, o Boi-Mamão, dá os SINAIS DE VIDA, em pequenos saracoteios. Ai o Vaqueiro, a cavalo, laça o Boi, prevenindo qualquer avanço). Os Cantadores seguem:

Rezadô reza o Boi	ei, ei,	vai pra vaca pra mamã
ei, ei,	ei vaquero laça o boi	alevanta boi-mamão
I o boi tâ levantano	ei, ei,	pra legria du patrão
ei, ei,	num deixele corniã	alevanta divagã
I o boi ta sarano	ei, ei,	ei, ei
ei, ei,	num deixele corniã	alevanta boi-mamão
vai prupasto vortã	alevanta boi-mamão	alevanta divagã.

(Sai o Rezador, cumprida a missão. O Vaqueiro, a cavalo, dança em derredor, com o boi-mamão, e o vai puxandô pro pasto, ou pra fora da roda). (Quando entra a Cabra, inovação do primeiro quartel do século, há a cantoria respectiva ao ato).

Enquanto o Boi-Mamão sai, o guia do Rezador, de sacola em mãos, busca o dono da casa pra oferta, ou pagamento dos serviços da cura do terneiro(tê). (Os cantadores dão o recado)

Ó sinhô mo patrão	elê vai trabaia	ei, ei,
U boi já tá são	ei, ei,	U rezadô qué i simbora
passô a bobêra	O sinhô dono da casa	a oferta qué levã
ele foi pra portêra	a legria é toda vossa	qué levã sualegria
ei, ei,	jã tem boi pra i pra roça	sua bënça qué dexã
ele foi pra mamã	jã tem boi pra farinhã	ei, ei.
ei, ei,		

(Ai no ponto do Dança-rito, o dono oferece na sacola algum dinheiro). E os cantadores seguem:

Ei, ei,	num vai más aduentã,	vo cum Deus-Nosso-Sinhô,
patrão munto gardecido	tã rezado contra ôlo,	ai, ai,
o rezadô qué ficã,	contra ôdio, contra azã,	dexo sorte pra boiada,
bënça pra toda famia,	na portêra dexo brêbe,	paz i alegria pru Sinhô
bënça pra todos de cá,	pódi i durmi, discançã,	ai, ai.
Sarve as cria nessa casa	Gardeço a vossa oferta	

(Ai todos são convidados pelo dono da casa pra rodada de café com variedades caseiras, não sem antes correr a PINGA, pra saudar os cantadores).

E que é hoje, esse zoológico ridiculo? Diz alguma cousa? Evoca o Passado? Não! Não diz nada mesmo a ninguém. O Rito do Boi-Mamão, conforme a Tradição é muito bonito: os dançadores (boi, cavalo e vaqueiro) fazem artisticas evoluções, e nisto se afeiçoam em coreografia para serem os MAIS FALADOS da vila ou do lugar. Na Ilha, ainda correm nomes de famosos dançadores de Cavalinho, de Boi, de Vaqueiro, falados nas RODAS mais velhas cujos claros o tempo abriu.

Esta Tradição Universal do Culto ao Boi, que é do mundo inteiro sob vária forma e rito, está quasi que perdida na Ilha, onde gente sem amor à Tradição e ao Passado acabou fazendo o que o diabo fez no olho do filho "TANTO CONCERTOU QUE DEIXOU CEGO".

A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Passaram-se mais uns meses e ele decidiu descer novamente. Sua casa nova agora já estava debaixo de telhado. Ele achava impossível ter de desistir da idéia de encontrar a moça. Ao aparecer na freguesia e ao vê-lo ali, as pessoas se perguntavam o que vinha fazer ou procurar. Jamais dera o motivo de sua vinda e permanência. Tornara-se conhecido. Muitos falavam a boca pequena que ele seria um ótimo partido para a filha de Marcos. Ele, no entanto, não se manifestava, mas nessa quarta viagem desafiou o destino e só retornaria quando a encontrasse.

x x x

Elisa depois dos acontecimentos da Casa Comercial de Silveira retornara à casa paterna. Terminara a safra da erva-mate, diminuído o serviço voltou aos seus afazeres. Seus dias eram tristes. Da rapariga dengosa sobrou apenas a simpatia. Tornou-se reservada e cismadora. Pudera!

Marcos manifestara a Magda o desejo de encontrar um casamento para a filha, a fim de que ela, ensimesmando-se, não terminasse seus dias num desenlace fatal.

La para um ano ou mais os acontecimentos que a respeito dela se passaram e ela, sem bem que não se referisse a eles, vivia-os profundamente, porque fartas vezes aparecia com os lindos olhos prenhes de lágrimas grossas. Marcos para distraí-la inventava passeios, levava-a a festas. Ela compartilhava das apreensões do pai e da mãe, divertia-se ou pelo menos dava a impressão. Ao voltar tudo caía na rotina diária e a tristeza era o prato de cada dia.

Marcos escutara Campano falar daquele moço. Talvez ela se o visse as coisas mudariam. Pode alguém saber o que se passa nos corações.

x x x

Nestor já percorrera Arroio Fundo, Imbuia, Lageado, Toldo e tornara a Bela Vista. Pela última vez subia a colina onde talvez encontrasse a moça. Deixou o animal seguir a vontade, meio desanimado, mas sempre com esperança...

Subitamente seu olhar foi despertado por uma silhueta feminina saindo do portão da casa adiante. Dirigiu-se por um trilho que mais abaixo dava para a estrebaria. Viu o cavaleiro e olhou-o por um instante só e seguiu o seu caminho. Reconhecendo-a de relance, estava muito longe para lhe fazer qualquer sinal. No primeiro ímpeto ele quis atirar-se pelo mesmo trilho. Prevaleceu, contudo o bom senso. Sem deter o animal deixou-o seguir. Tendo passado da casa fez o animal voltar e tirou um tempo da morada, procurou ver a morena... Cismou como o receberiam, se como amigo ou como intruso?... Sem bem saber o que queria tornou à venda do Silveira. Ceou e ruminou o que devia fazer. Decidiu-se por

uma serenata: No fundo seus pensamentos em tumulto trazia-lhe à tona as mais dispartadas perguntas:

— Será que ela vai topar? Será que vou mesmo tentar a sorte? Será mesmo ela que o destino reservou para mim? Não, você não vai desistir agora que está tão perto do amor pelo qual viveu, regenerou, sofreu? E encorajava-se: Deixa de covardias, você que já enfrentou tudo, enfrente mais esta. Deu um concerto até altas horas na venda, depois transou o violão nas costas e saiu. Seria meia-noite ou mais. A lua além do crescente iria iluminar a noite por mais umas horas. Nas ramagens brincava uma leve brisa. As narinas aspiravam um suave aroma. O luar punha fantasmas nos socavãos. O moço seguia a pé a trilha. Com o coração aos pulos aproximou-se da casa. Os cães latiram lá para o fundo mas acomodaram-se. Entrou pelo portãozinho da frente onde vira Elisa sair e parou em frente a uma janela. Tudo era silêncio profundo. Voltando à calma que fora sua companheira nas lutas do campo, desembaraçadamente riscou as cordas sonoras do instrumento, tanto mais belo, quanto maior o silêncio da noite. Entoou a serenata. Sua voz límpida veio quebrar a monotonia da noite. Era mavioso o soar da toada:

"Vem à janela, querida.	Acorda, desperta, ó bela!
Ouve o meu triste cantar.	Não te faças não rogar.
Atende a voz dolorida	Vem sorrir à janela
Que agora vens escutar.	Ouve o meu triste cantar.
	Amor! Amor! etc...
Amor! Amor!	No céu a lua cintila
Dá-me a luz do teu olhar.	E tu dormes a sonhar,
Vem minha alma consolar.	Sempre serena e tranqüila
Que por ti eu morro de amor!	Enquanto eu vivo a pensar.
	Amor! Amor! etc...

Esperou o efeito da canção e como nada ouvisse bateu à porta. Marcos, lembrando-se do que acontecera à filha, a princípio ficou tomado de pânico. Como as pancadas se repetisem perguntou quem era.

É de paz! Se o amigo permite gostaria de falar-lhe. O assunto é de importância. É do amigo apreciar. Estou de passagem e não quis perder a ocasião. Neste interim já se havia feito luz e toda família estava de pé, para ouvir o estranho cantor, que embelezara a noite com tão comovedora melodia.

Ao abrirem a porta deram com aquele moço bem trajado à moda da época. Trazia um fino palhinha sobre os ombros. Um enorme chapelão na cabeça. Os pés metidos em botas de cano alto e um par de esporas de metal branco tilintavam a cada passada sua. À luz das lamparinas de querosene viu-se um moço de barba feita com negros bigodes aparados e de dentro do chapéu caíam mechas de cabelo negro. Um rosto bem formado de rapaz inteligente.

— Entre, se é de paz, convidou Marcos.

— Boa noite! disse entrando.

— Boa Noite! respondeu Marcos. A casa é sua, acrescentou, mirando o hóspede dos pés à cabeça. Fique à vontade. Puxou de um cigarro e ofereceu-o ao forasteiro. Nestor recebeu-o e fez menção de encostar o violão. Marcos indicou com um gesto que o colocasse sobre a

mesa. Acomodado o instrumento, acendeu o cigarro conforme a praxe e passou a cumprimentar a todos os da casa. Ao cumprimentar Elisa notou-lhe um leve rubor na face e seus olhos se cruzaram.

— Sente-se, ordenou Marcos, chegando-lhe uma cadeira. Onde vem o amigo?

— De Santa Cecilia, Curitiba. Venho vendendo gado da minha estância e agora estava para voltar, mas quis falar-lhe sobre um assunto que me persegue há anos. E por isso estou aqui. Pediria que dessem atenção a minha estória, assim saberão o motivo da minha serenata...

Marcos olhou significativamente para Magda. Nestor olhou para Elisa que também olhou sem compreender. O panorama era confuso, necessário se tornava uma explicação.

— Pois não! falou Marcos voltando-se para ele.

Nestor então falou de seu encontro com Elisa, cujo nome não pronunciara por desconhecê-lo. Falou-lhes do fascínio daquele encontro, que o fizera mudar de vida e regenerar-se. Aquele olhar produzira a estância que hoje era o orgulho daquele fim de mundo. No mais trabalhoso dos momentos a figura da jovencinha que vira era o farol que lhe iluminara a senda. Era o condão que afastava todos os obstáculos. Agora que vencera tudo, que levantara a casa da estância dava o último passo para ver se encontrava eco no coração da jovem que por anos fora a sua única estrela, a meta de seu trabalho, a coroa de todo aquele sacrifício. Convidava o dono da casa a fazer a viagem e verificar no local a veracidade do que lhes falara.

Elisa corou como romã em manhã de orvalho. Por ela alguém sofrera, trabalhara, e agora ali estava à espera de uma decisão sua. Seus pensamentos confundiam-se. Desacreditavam no que viam. Era dose demasiada grande para ser verdade. Colhida de surpresa, nada disse, contudo permaneceu a escutar a prosa do bom serrano. Notou-lhe uma certa elegância no falar e no modo de portar-se.

Após escutar o moço, Marcos falou:

— Quanto ao convite, só poderei decidir depois de Elisa resolver o que pretende depois dessa conversa.

Nestor esperançoso olhou para ela. Ela, porém, não se manifestou. Imprevistamente dirigiu-se ao instrumento que Nestor deixara sobre a mesa e pediu:

— Toque novamente aquela modinha e cante.

Marcos fez um sinal de assentimento e Nestor experimentando as cordas, ouviu-as afinadas e ponteando a música cantou com toda a alma: "Vem à janela, querida..."

Ao terminar ninguém falou, embevecidos da música e do acompanhamento magistral.

Marcos voltando-se para Elisa disse: "Você decidirá.

Elisa ruborizando-se muito, olhou pra Nestor e disse:

— Deixe-me pensar, tenho também a minha estória, torne aqui amanhã à tarde, escute-me e de seu parecer dependerá a minha resposta.

A pedido dos filhos de Marcos, Nestor tocou ainda e outras modinhas e cantou.

Pedindo licença, desculpando-se pelo incômodo que havia dado, despediu-se de Marcos e da família. Trocou algumas palavras com Elisa e retirou-se. Galos anunciavam o novo dia. A lua despedia-se na fimbria do horizonte. No peito de Nestor cantavam passarinhos. Voltou feliz. Por muito tempo naquela madrugada, em que a brisa refrescava o ambiente ele cismava no lindo rosto de Elisa. Tudo indicava que seria sua. Por fim dormiu.

CAPÍTULO VII

Era uma coruscante manhã. O sereno caíra à farta durante a madrugada. Um zéfiro suave debulhava em gotículas rutilantes o orvalho de ameno frescor. Galos faziam ouvir seus kikirikis estonteadores. Vacas mugiam, bezerros berravam com saudade do leite. Porcos grunhiam. Raras pessoas nessa hora matinal. Pessoas abrindo portas e janelas para entrar a brisa e arejar a casa fechada durante a noite.

Nestor ainda inebriado do que lhe acontecera, levantou-se e após os costumeiros preparativos desceu para tomar café. Silveira de passagem lhe disse:

— O amigo entrou tarde ontem.

— De fato, respondeu, as circunstâncias não me permitiram entrar mais cedo.

— Não corre da minha conta, mas parece que o amigo procura alguém. Algum desafeto? inquiriu interessado.

— Deus me livre de tal. O que procurava encontrei ontem e a seu tempo o senhor verá, redargui, dispondo-se a tomar o café. Percebeu ainda o sorriso brejeiro de Silveira e advertiu que ele compreendera.

Como devia tornar a ver a jovem somente à tarde, Nestor pouco depois montou a cavalo e saiu rumo a Canoinhas, unicamente para passatempo. Passou a observar o que havia. Uma casa incendiada. Apeou e pensou: — Por aqui andaram os do bando. Quanta maldade! Que selvageria! Que tal se eu ainda estivesse nesse caos de almas malfazejas?!

Contemplou tudo ao redor com seu espírito observador e não viu viva alma. Avançou mais pela estrada e foi encontrando cruces. Naquele tempo não eram novidade. Todavia ali eram numerosas. Pudera! Sem recursos os que ficavam doentes morriam praticamente à míngua. Quem os havia de sustentar. Os que tinham saúde quando passava um bando do tipo de Tião Bento, se considerados inimigos eram mortos e os vizinhos num ato de caridade os enterravam à beira da estrada, para não servirem de pasto aos urubus. Após observar os matos, os pinheirais e a grande variedade de pássaros deu-lhe vontade de atirar. Todavia desistiu. Matar para que? Se não há quem prepare. Deixá-los viver.

Apeou e descansou à sombra de abuda imbuía que impunha sua imponência no espaço. Tirando o freio ao cavalo, deixou-o pastar livremente. As horas custavam a passar. Pouca gente na estrada. Apenas um caboclo mal-encarado passou por ele e cumprimentou-o:

— Bons dias!

— Bons dias, respondeu Nestor gentilmente. Porque era uma ofensa não responder à saudação. Coisa que para muito civilizado é banal.

— Perto do meio-dia retornou à casa de Silveira. Servindo-lhe o jantar, pois assim chamavam a refeição do meio-dia, a da noite era a ceia.

Montou novamente o seu soberbo baio, bem amilhado e saiu ao encontro da mulher amada. Dentro em pouco estava em frente da casa, onde a vira na véspera.

Elisa, no entanto, aconselhara-se com o pai e mais tarde com a mãe. Ao ver o mancebo a cavalo, parou para contemplar o porte gentil do forte cavaleiro. Ao chegar foi-lhe abrir o portão da mangueira, onde já havia providenciado água e ração para o animal.

Ao apaar-se ele a saudou, ela retribuiu amável e depois abriu num choro de comover pedras.

Nestor, despreparado para tal recepção, acudiu carinhoso:

— Mas que é isto? Por que chora? Fiz-lhe algum mal? Seus pais estão contra mim? Fale! Talvez ame outro? Empalideceu só com a lembrança.

Elisa deu livre curso às lágrimas. Toda a repressão daquela noite com aquela melodia que ela mesma pedira para reprisar, agora era motivo de choro. Alegria? Dor? Felicidade? Saudade? Sofrimento a custo dominado? Quem sabe?

O jovem estancieiro ficou parado a olhar para aquele pranto insólito. Que fazer?

O bom senso lhe dizia que esperasse até passar a tormenta que se desencadeara no coração da jovem, no momento em que encetava um novo amor. Aguardou com a paciência com que acatara essa hora, hora que finalmente chegara.

Elisa, recobrando alento, foi abrandando os soluços e recompondo-se olhou-o fixamente nos olhos:

— Moço, não se zangue, porque eu tive um namorado e imediatamente o pôs a par de todo o drama de sua vida. Agora que você está a par de tudo, cabe a você decidir se quer casar com uma moça com a qual tantas coisas aconteceram.

Nestor colhido de surpresa, esperou uns instantes antes de responder. O caboclo nesses casos é ponderado e não emite juízos precipitados. A demora da resposta fez as lágrimas brotarem novamente dos lindos olhos da menina. Ele teve ímpetos de abraçá-la, extinguir aquela dor, enxugar todas as lágrimas. Pensando ser demasiado cedo, respondeu:

— Você lhe deu o descanso eterno. Ele jamais voltará. Paz a sua alma: Você está desimpedida. Só a você cabe resolver o nosso caso que da minha parte fica como estava resolvido e você escutou ontem à noite.

— Se o que contei não impede, disse Elisa ainda indecisa, meu pai e meus irmãos irão com você e se tudo for encontrado como narrou esta madrugada, eu lhe darei o sim. Moço, não faça mau juízo de mim. Estou bem na casa de meus pais. Deixá-los para me ligar a um homem é grande responsabilidade. Preciso ter certeza para amarrar-me uma segunda vez. Ainda mais nessa distância... Tão longe...

— Essa seria sua última palavra?

Meu pai irá e eu já vou preparando tudo para sua volta. Se tudo for como diz eu irei lhe fazer uma visita. Quer mais para o nosso segundo encontro?

— Quero, disse Nestor, quisera conversar um pouco mais com você, pois é também necessário conhecê-la mais de perto. Vivi fascinado pela sua beleza. Agora necessário se torna também saber quem é.

Nestor foi desencilhando o cavalo e levando-o à cocheira, deu-lhe água e soltou-o junto ao cocho de ração. À moda cabocla sentou-se na outra extremidade enquanto Elisa sentava no tamborete de que se servia para mungir as vacas.

Ali trocaram juras de amor. Falaram de amor. A poesia dos namorados. O entendimento que deve haver entre eles. O porque dos acontecimentos para dar lugar à felicidade dele cujo prêmio da luta que encetara era o amor daquela jovem sentada agora a seus pés.

No decorrer da conversa animada os dois se encantavam e se entrosavam cada vez mais. Elisa guardou a compostura de sempre. Nestor respeitoso permaneceu à distância como convinha à gente civilizada, onde a mulher não é objeto, mas prima pela beleza de suas virtudes, apanágio de toda educação feminina. Sobretudo também porque naqueles tempos de gente bronca a deshonra de uma donzela era levada em sangue.

A tarde passara depressa demais. Quando o sol declinava, Magda desceu à mangueira.

— Que é isso? Elisa. Você nem convidou Nestor a entrar em casa?

— Não, mamãe. Ele sentou-se em riba do cocho e eu fiz-lhe companhia daqui do banquinho, respondeu Elisa e um sorriso entre triste e alegre lhe aflorou aos lábios.

— Foi uma tarde tão agradável, dona, que nem eu nem ela pensamos em entrar. Como é de seu desejo irei até a casa. Elisa acompanhou-o enquanto Magda ficou a olhá-los passando depois a ordenhar as vacas.

Em casa, Marcos os recebeu com sinais de alegria. Ofereceu ao futuro genro um cigarro e pouco depois estavam conversando amistosamente, enquanto Elisa servia um suculento “revirado” com lingüiça frita, um petisco naquela época. Magda que voltara da estrebaria partilhou da alegria geral. Após a ceia serviu o chimarrão. Marcos logo depois retirou-se e Nestor ficou com sua amada por largos espaços. Conversaram sobre tudo o que lhes interessava e dizia respeito ao futuro. Lá pelas tantas, de vez em quando Nestor perdia-se em pensamentos, ficava absorto contemplando o luar que estanhava as folhas dos vetustos troncos, lançando negras sombras no chão. Elisa indagava e ele respondia enleado:

— Quem por tantos anos lutou para possuir o amor de uma donzela e hoje se encontra gozando de sua presença... Desculpe, de quando em vez parece mentira e eu me perco em pensamentos e cismas daqueles dias e daquelas noites em que planejava a minha estância, onde faltava tudo, menos a minha decisão e vontade de vencer. Hoje parecem-me distantes esses dias, quanto mais perto me encontro da mulher amada.

Ao voltar à minha morada, levo a certeza de que não esperei em vão e de que o dia da felicidade em breve será gostosa realidade.

Elisa escutava o amado e no fundo da alma sentia aquelas vagas de melancolia que nos assaltam, quando um bem, para sempre perdido, subitamente, deve ser substituído por outro inesperado. Principalmente se se trata de um novo amor a quem devemos aprender a amar e nos adaptar às novas circunstâncias. Com entrada de Nestor na vida de Elisa um mundo novo despertou e o que sua boca não falava, seu olhar traduzia, razão por que Nestor confiava naquela beldade cabocla. Ela, no entanto, sofria aquelas vagas merencóreas do "sentimento não sei de que, do dói e não se sabe onde" do poeta e cada vez mais amava aquele homem másculo que tanto prometia...

As horas passaram céleres e a hora da despedida se aproximava. Nestor tomou-lhe a mão, segurou-a com calor e desejando-lhe uma boa noite, saiu.

x x x

Nestor levantou cedo. Tratou o cavalo. Na frente da venda encontrou o velho Campano. Já o conhecia de viagens anteriores. Ele lhe falou dos jagunços e suas depredações. Nestor não se deu a conhecer como um fugido do bando, dava graças a Deus de, em boa hora, ter dado novo rumo a sua vida, de ter sumido do seio destes homens que não respeitavam ninguém. Campano dirigindo-lhe a palavra falou:

— Moço, se vanmicê tem argum bem, ponha a sarvo daqueles bandido. Gente sem lei. Acabam com tudo. O que sobra por devorá, eles bota fogo. As muié e as fiia serve de divertimento pra esses cão. Cortá dedos, oreias, seios pra vê o sangue escorrê e a desgraçada sescorrê em sangue é o prazê desses marvado. Se o moço tivesse tempo eu contava o que fizeram com minha fiia. Sobre o cadáver dela o meu fiio jurô a morte de Tião Bento.

Um rictus de horror passou pelo rosto de Nestor. Não porque tivesse medo do bandido, mas lembrando as barbaridades praticadas por ele.

— Sente alguma coisa? perguntou Campano.

— Vanmicê vai vê, eli não escapa.

— O amigo dá licença, tenho de encilhar o cavalo, daqui a pouco estou viajando. É um bom trecho até lá.

— Conheço tudo aquilo desdos tempos do picadão. Deve existir argum por lá, hoje fechado de mato. Pode sê até sarvação em hora de perigo. Estrada não se despreza.

Nestor não desprezou o conselho, agradeceu e encilhando o cavalo ia ao encontro de Marcos e seus filhos, quando eles apontaram no cimo da colina. Dentro em pouco os quatro cavaleiros tomavam o rumo do campo aberto. Em caminho para matar o tempo Marcos ia contando ao futuro genro as peripécias dos jagunços. Ora vejam em que foram dar as benzeduras do tal profeta João Maria. Cada vez mais atrevidos os seguidores do profeta arregimentavam o povo. Tião Bento veio para as bandas de Bela Vista queimando e saqueando. Os bandoleiros tinham percorrido grande trecho e as marcas de sua passagem eram bem visíveis.

Bateram à casa do caboclo Firmino. Fazia uns três anos que morava ali. Encontrou boa terra para plantar e com a criação de gado teve algum rendimento, por isto resolveu ainda dedicar-se à colheita da erva-mate e estava em vias de levantar um barbaquá.

Seriam umas nove horas da manhã, quando percebi fogo lá para aquelas bandas. Imaginei logo que a casa de Firmino estava ardendo. Ele com a família estavam nas roças, portanto longe de casa. Pois era verdade a casa dele fora incendiada. Para o bem deles, estavam na roça, se estivessem em casa teria sido o diabo... Um rapaz que viera ver como estava a casa, testemunhou o desmoronar completo da casa e dos ranchos.

Tião Bento passara pela manhã e ao deparar com a casa perguntou:
— Quem mora ali? Não tem muié, não?

Cercaram a casa, o caboclo encarregado de dar uma olhada nos bens, enquanto os donos preparavam as plantações é que conta. Escondia-se entre os ramos de uma imbuia e ouvira e vira o trabalho dos facínoras. Pensando que o pessoal estivesse escondido em casa. Tião apeou-se, chegou à porta, sorrateiro, escutou e como não ouvisse nada, tocou o pé na porta que a tranca voou. Entraram na vasta sala, com uma algazarra tremenda. Quem teria a ousadia de enfrentar Tião Bento e seu bando? Desconfiado, mandou por um de seus homens de guarda.

— Desgraça! Não tem ninguém em casa, peste! Dê uma busca por aí. A turma se espalhou pelo mato, seguiram o trilho do gado, caminho da roça, mas como era muito longe voltaram sem nada fazer. Tião em sua fúria devastadora incendiara a casa e rancharia e divertia-se como um possesso ao avançar das chamas. Seus capangas atiravam grimpas e paus na fogueira e as fagulhas subiam cinzentas ao claro céu meridiano. Num curral, mais distante do incêndio encontraram um porco, que pouco depois berrou na faca. Com muito custo penetraram na cozinha em chamas e tiraram o sal para salgar a carne. Cada um com seu naco ainda a escorrer sangue das carnes palpitantes correu a fazer pequeno fogo para assar a carne. Dentro em pouco refeitos, seguiram estrada afora. Abandonando à desgraça, à miséria a pobre família.

Viajaram cerca de dois quilômetros, quando avistaram um moço negro de seus dezesseis anos. Ao avistar os jagunços, correu o que as pernas davam. Tião Bento percebeu-o e berrou:

— Agarra o nego!

Antes que ele pudesse socorrer-se do mato, para onde tentou em vão desviar-se, uma jogada certeira de laço o apanha pela cintura e o leva à queda. Aos gritos do rapaz, acode a mãe.

A mãe, uma negra, viúva, com mais três filhos assiste desajudada à terrível cena. Sem piedade, um capanga aproxima-se do rapaz indefeso, despe-o, castra-o com um golpe de navalha. Desarvorado, esvaindo-se em sangue, contorcendo-se de dor, preso à cincha da cilha é arrastado pelo cavalo e cavaleiro estrada abaixo. Os gritos de piedade, misericórdia! desferidos pela mãe, tonta de dor, foram ignorados pelos bandoleiros. De vez em quando ouvia-se o grito de dor da vítima, levada aos solavancos, esfolada nos cepos e torrões do caminho. Subitamente, numa negaça do cavalo, o corpo do infeliz é atirado para o lado da estrada

e sua cabeça choca-se violentamente com um cepo de araçá e derrama os miolos.

Tião e seus capangas a tudo assistiram impassíveis. Afinal, cúmplices do crime e horrorizados talvez partiram a galope. O do laço correu a desatá-lo e dando um pontapé no cadáver, gritou ainda: Nego não é gente. Enrodilhando o laço tinto de sangue, prendeu-o à cilha sobre a garupa do cavalo, montou e procurou alcançar os companheiros de sangue. Ao alcançá-los, encontrou-os rindo às gargalhadas sarcásticas do crime que acabavam de praticar.

Descrever a dor dessa inditosa mãe é ato impossível. Sofrera demais. O marido sucumbira vítima dos jagunços e ela fugira com os filhos curtindo miséria na rua da amargura. Seguiu para o interior em busca de uma família amiga que a acolhesse. Todavia o sacrifício não estava completo. O cálice da dor não esgotara ainda. As hordas volantes dos jagunços vieram achá-la para pungir-lhe o coração com o mais agudo espinho, a tortura e morte do filho com requintes de barbárie e despudor.

A pungente perda de um filho ninguém compreendeu melhor do que o Divino Mestre. Seguiu ele pela poeirenta estrada da Palestina, quando se lhe depara o quadro vivo de uma viúva acompanhando o esquife de seu único filho. Somente ele podia devolver-lho. A viúva não pediu, porque ao vê-lo, toda ela era uma súplica, sua atitude, seu olhar, seu modo de ser. Ele sentiu essa súplica muda, aproximou-se do esquife e tocou-o. Os que o levavam, pararam.

O seu poder sobre a morte ia manifestar-se novamente. Toma o jovem pela mão e ordena que se levante. Obedecendo o morto, surge redivivo. Ele o entrega a sua feliz mãe. O evangelho deixa de mencionar o olhar de gratidão com que ela envolveu a figura majestosa do Filho do Homem. As grandes dores são mudas e também o são as grandes alegrias. O Deus-Homem seguiu em silêncio. A multidão glorificava a Deus.

Aqui no ermo, à sombra das gigantescas araucárias que embelezam o aspecto azul do firmamento, desenhando nessa hora meridiana círculos no chão, antes parecem sinistras, agourentas, perante o espetáculo de sangue e dor que presenciam.

Nesse chão manchado de sangue, outra mãe corre para junto do cadáver do filho. Debalde procura no longínquo azul, nos páramos etéreos, uma luz, um conforto, um consolo para a sua dor. O filho morto, estraçalhado, horrivelmente mutilado por mãos cruéis.

Juntou os trapos que o facínora arrancara do corpo do infeliz e correu a tapar-lhe a nudez. Por instantes fitou-lhe a face desfigurada, incrédula. Não podia ser?!...

Nestor escutava absorto aquela narrativa de seu futuro sogro. Seu respeito por aquele homem religioso aumentou diante do que ouvia. Seria um homem estudado?

Marcos continuou repetindo os dizeres da misera mulher:

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

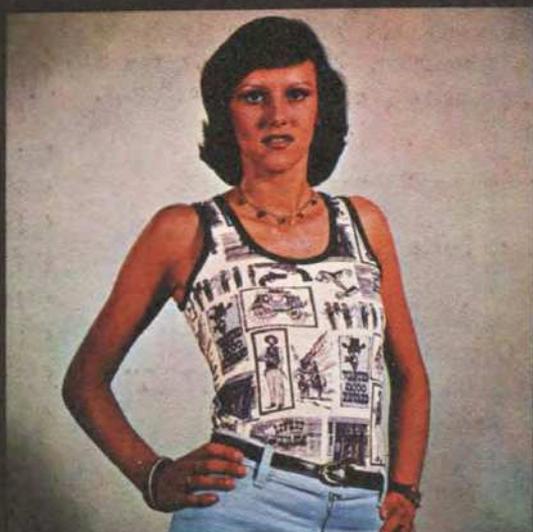
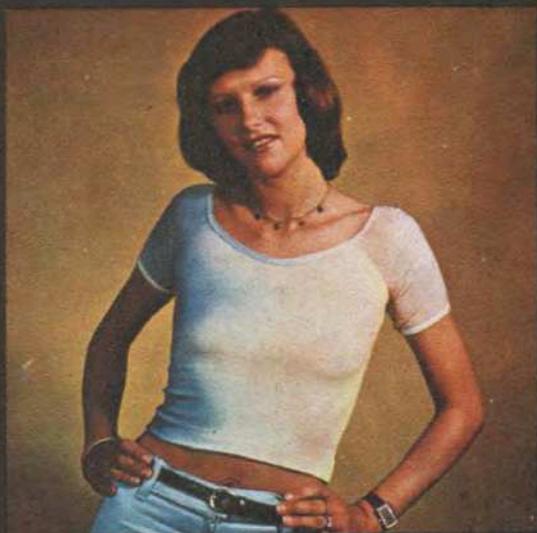
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

HERING NO ANO TODO



As Malhas Hering são coloridas e alegres como a primavera. Flexíveis, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão...

Cortes perfeitos, em todos os tamanhos, afastam o tédio e a tristeza dos dias outonais...

De puro algodão com fio

penteados, aquecem carinhosamente no inverno.

Passo o ano todo com Malhas Hering...

 **malhas Hering**
A malha jovem.

